

RIL



revista literária

1

revista literária do corpo discente da ufmg

**REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

REGULAMENTO DA REVISTA

- 1 — A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais tem por finalidade a publicação de trabalhos literários dos alunos da Universidade;
- 2 — A Revista será editada pela Assessoria de Relações Universitárias da Reitoria da UFMG, anualmente, com o máximo de 200 (duzentas) páginas;
- 3 — A Revista será dirigida por uma comissão de alunos nomeada pelo titular da A.R.U.;
- 4 — Não serão aceitos os trabalhos de cunho político-partidário;
- 5 — Será promovido, anualmente, um concurso de contos e de poesias, com prêmios aos primeiros colocados e com a publicação dos melhores trabalhos na Revista;
- 6 — Poderão participar todos os alunos regularmente matriculados nas unidades universitárias e nos colégios da Universidade Federal de Minas Gerais.

CAPA:

“LAY-OUT” DO CURSO DE
BELAS ARTES DA UFMG

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

PLÍNIO CARNEIRO

LUIZ VILELA

Luís GONZAGA VIEIRA

★

CIDADE UNIVERSITÁRIA — BELO HORIZONTE

MINAS GERAIS — BRASIL



Enderêço para correspondência:

**ASSESSORIA DE RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS
REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Caixa Postal, 1.621
CIDADE UNIVERSITARIA — BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL**

ÍNDICE

Agradecimento	7
CONCURSO DE CONTOS	
Confissões de Arnaldo — <i>Duílio Gomes</i>	11
Por favor, levem-me — <i>Henry Corrêa de Araújo</i>	23
Didática — <i>Sérgio Andrade Sant'anna e Silva</i>	27
CONCURSO DE POESIAS	
Meditação sôbre o morto — <i>Marco Aurélio Duarte Gonçalves</i>	37
Profissão de Fé: Poeta e Poema — <i>Fernando Rios</i>	41
Face Falsa — <i>P. Pontes</i>	49
Tempo Teimoso — <i>P. Pontes</i>	50
Não me convém — <i>P. Pontes</i>	51
Uma luz ao longe — <i>P. Pontes</i>	52
Descoberta da Poesia — <i>P. Pontes</i>	54
Elegia — <i>valmiki villela guimarães</i>	56
Sem título — <i>José F. G. Gabrich</i>	57
CRÔNICAS	
Três crônicas — <i>Elisa Maria Pereira</i>	61
Mudança — <i>P. Pontes</i>	63
Nada Passa — <i>Mabel de Britto Lommez</i>	65
CONTOS	
Rodoviária — <i>luiz vilela</i>	71
Fuga — <i>João Bosco Araújo Moreira</i>	75
Do Diário de um Pequeno Burguês — <i>Luiz Gonzaga Vieira</i> ..	78
ENSAIOS	
A Poesia de Alphonsus de Guimaraens — <i>Eleonora Fernandes Rennó</i>	97
RELAÇÃO DOS TRABALHOS RECEBIDOS	
Poesias	121
Contos	125

AGRADECIMENTO

De há muito existe a aspiração de se imprimir uma revista na Universidade Federal onde fóssem publicados os trabalhos literários do corpo discente, a exemplo da Revista da UFMG, que desde 1929 vem divulgando artigos, ensaios e teses do corpo docente.

A idéia da Revista Literária foi apresentada, em maio deste ano, ao Magnífico Reitor da Universidade, Professor Aluísio Pimenta, que de pronto acolheu os motivos apresentados pelos universitários, autorizando que a Assessoria de Relações Universitárias — porta-voz da pretensão dos alunos — elaborasse o projeto para a publicação.

Após estudos cuidadosos da matéria, foi redigido o regulamento da Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais e apresentado ao Professor Aluísio Pimenta, que, além de aprovar a sua criação, sugeriu a organização de um concurso de contos e de poesia para participação de todos os alunos da Universidade.

Criada a Revista, realizou-se o concurso e o resultado aqui está: é este o primeiro número. Desejamos que esta publicação seja aberta a todos os alunos da UFMG: quer na participação dos concursos, quer publicando seus trabalhos na segunda-seção ou apresentando críticas e sugestões.

Fica o nosso agradecimento ao Reitor da UFMG, que, com total desprendimento e visão, vem possibilitando um crescente progresso em nossa Universidade e no ensino mineiro. Agradecemos também aos universitários que, com o envio de 164 poesias e contos, deram inegável apoio ao número inaugural.

A COMISSÃO



RL

revista literária

CONCURSO
DE
CONTOS

CONFISSÕES DE ARNOLDO

TANNY

Duffio Gomes

1º Ano — Faculdade de Direito

Meu nome é Arnaldo e eu moro aqui mesmo, na favela do dois a um. Mãe tá sempre falando pra gente que pobre não tem vez e eu estou cansado de saber disso. Outro dia mesmo eu estava engraxando o sapato de um cara lá na cidade (sou engraxate, sabe) e vai daí, depois que acabei de dar o lustro e tava na hora de receber o dinheiro, o camarada foi saindo sem pagar. Aí eu chamei o sujeito, até com muita educação, pra ver se êle pagava, porquê às vêzes esquece mesmo de pagar e vai saindo distraído. Mas então, eu chamei: ô, faz favor, o senhor esqueceu de me pagar. O moço parece que não escutou e continuou andando, parece até que apressou mais o passo, o sapato brilhando tanto debaixo do sol que eu até senti uma coisa gozada de ver aquêle sapato brilhando tanto porquê eu nunca tinha caprichado assim em sapato de ninguém, nem mesmo no do Marcolino, que é meu padrinho e que eu costume engraxar de graça. Dava até pena ver aquêle homem com o sapato tão legal de bonito querendo fintar a gente. Eu já tava até com vontade de deixar êle ir embora assim mesmo, sem pagar, mas resolvi e saí correndo atrás dêle. Cheguei lá perto dêle e pedi meus honorários: ô moço, o senhor se esqueceu de pagar a engraxada. Êle olhou pra mim e falou: ah, é mesmo? Eu falei que era duzentos. Êle deu uma cuspida de lado e falou que era da polícia e que polícia não paga nada e era pra eu ir andando logo

senão eu ia prêso. Quando eu contei pra mãe êsse caso ela repetiu que pobre não tem vez. Que diabo, é assim mesmo. Mãe dá um duro desgraçado aqui no dois a um, porquê a família é grande e pai a gente não conheceu desde pequeno. Eu sou o mais velho e depois de mim tem mais quatro, tudo engatinhando ainda, de tão pequeno, só a Neuzinha é que já tem cinco anos e ajuda um pouco na casa. Eu qualquer dia dêsses vou fazer nove anos. Mas, como eu falei, mãe dá um duro danado pra sustentar a gente que até dá pena de ver ela carregando água lá na cidade e catando papel. Eu às vêzes ajudo ela. Ela fala, Nodinho pega aquêlê papelão ali. Aí eu vou e pego o papelão e ponho êle dentro do saco de aniagem. Às vêzes nós passamos o dia inteirinho assim, catando papel. Eu gosto de catar papel. Quando chove é que não é muito bom não porquê a água amolece tudo e quando a gente vai vender a papelada êles não aceitam e o dia fica perdido. Quando chove a gente não cata papel nem carrega água, pois quem é que vai querer água se a água tá descendo do céu que é uma desgraça. Por isso é que quando chove a gente deita de barriga vazia. Porquê também ninguém vai engraxar sapato pra afundar êle na lama e perder o dinheiro. E quem não ganha o dinheiro sou eu. Chego em casa de mão abanando. E todo mundo deita de barriga vazia. Não tem sopa. Nem chôro. Porquê se chorar mãe vem lá de dentro e vai batendo sem parar até a gente parar com o chôro. Quando eu fico assim, querendo dormir mas com fome, e não consigo dormir, eu começo a pensar numa porção de coisa boa de comer. Fico pensando em bôlo, em doce, chocolate, sorvete e aí então daí a pouco já estou roncando. Mãe fala que nos dias de chuva eu converso sòzinho, dormindo, mas eu acho que não deve ser não, porquê, senão, como é que a gente vai conseguir falar se a gente tá dormindo. Não sei como é que pode. Qualquer dia eu pergunto ao Pé de Cabra, que é um amigo que eu tenho e é inteligente, que todo mundo fala que êle é inteligente e eu acho bom ter amigo esperto assim. O Pé de Cabra é de menor mas já foi prêso uma porção de vêzes. Era meu colega na escola mas foi expulso porquê respondeu a professôra com um palavrão que mulher professôra não deve de ouvir. Se ela não fôsse professôra até que não tinha

muita importância, porquê tôda moça daqui tá acostumada com isso, mas professôra a gente sabe que é diferente, sei lá. Mas o caso é que Pé de Cabra já foi prêso: uma vez porquê tava muito baratinado, depois de beber uma garrafa de cachaça. Deu de jogar pedra nos carros lá na cidade. Falou que tinha raiva de gente rica. Eu acho que eu também tenho, mas não falo, que não sou bôbo. Quebrou os vidros de um carro azul, grandão, muito bacana e a dona que tava dirigindo chamou um meganha na mesma hora. O meganha pegou êle pelo braço e foi dando empurrão nêle. No dia seguinte Pé de Cabra voltou, com um curativo na cabeça. Falou que o delegado era boa praça e todo mundo riu. Quando Pé de Cabra ri a gente tem de rir também pois êle tem só dois dentes na bôca e fica muito gozado. Aí êle acha que é muito engraçado e começa a inventar uma porção de caso. O Pé de Cabra é bom de bola, também. Quando tem futebol lá na cidade todo mundo desce. Não fica nenhum. A gente sempre arruma dinheiro pro futebol. Quem não vai é porquê tá doente ou tá prêso.

Outra coisa boa é quando chega o carnaval. A Maria Totonho ensaia a Escola de Samba um mês inteiro antes do carnaval. A gente vai pro terreiro dela e fica vendo. Todo mundo dança. Tem dia que o pessoal resolve ficar sambando a noite inteira e quando a gente acorda às cinco horas, que é a hora da gente levantar aqui no dois a um, êles ainda estão lá, uns dormindo no chão, outros bebendo cachaça e pulando mole com cara de sono, sem parar. Quando eu crescer vou ser sambista. Ou então passista da nossa Escola de Samba. O nome da Escola é "Quem tem perna tá com tudo". A coisa mais bacana da Escola de Samba são as fantasias. Maria Totonho e as amigas lá dela têm mania de costurar fantasia pra carnaval. A Totonho é tarada com carnaval. Tem gente até que fala que ela gosta mais de carnaval do que de homem, mas isso é mentira porquê a casa dela é a que fica mais cheia dêles, mais do que qualquer outra daqui do dois a um. Ela é muito bonita, eu acho. A Neuzinha falou que quando fôr moça de maior quer ser que nem a Totonho, só pra usar aquêle perfume doido que ela usa e que deixa a gente tonto de tão cheiroso de bom e

aquela flor vermelha de papel de sêda que ela usa no cabelo. O cabelo dela é o mais escorrido daqui. Todo mundo fala. O cabelo de mãe não é escorrido mas eu acho o cabelo dela mais legal do que o da Totonho. Eu até já briguei com o Geraldão por causa disso, por causa de que êle falou que o cabelo de mãe é cabelo que não vê pente, mas depois que eu rolei com êle e dei um sôco bem na orelha dêle que até saiu sangue e todo mundo que tava vendo a briga falou que eu sou dos bom, desci correndo pra cidade e comprei um pente branco na venda do sô Lulu, que êle disse era pente de dona muito educada e subi de nôvo correndo e dei pra mãe e comecei a chorar, que nem bôbo. Mãe falou pra eu não ficar gastando dinheiro à toa com trem sem importância pra vida mas até que ela gostou bem e agora penteia o cabelo todo dia, o cabelo de todo mundo de casa, menos o meu, porquê no dia que eu saí com o cabelo todo arrumadinho, pensando que a turma ia ficar bôba de ver, o Pé de Cabra, aquêle merdinha, ajuntou a molecada tôda e veio atrás de mim gritando, óia a menina bonita, vamo dá um passeio. Eu fingi que não tava ouvindo. E êles atrás, que nem rabo de bicho que acompanha o bicho pra tôda parte. Aí então eu enfezei e peguei um calhau e joguei e o calhau foi cair bem na cabeça do Corcunda, um menino que tem um caroço nas costas, mas que é um aleijado muito danado de esperto, e o melado escorreu da cabeça dêle, bem feito. Aí todo mundo correu. Eu também corri. Quando olhei pra trás, lá tava o corcunda, berrando que nem leitão que vai morrer de foiçada e com a mãe dêle, que tava ali por perto e que ouviu a gritaria dêle, mandando cada nome de todo o tamanho. Aí eu resolvi ir lá pro cruzeiro, que é a parte mais alta do dois a um e que tem êsse nome por conta da cruz de madeira que tem lá, uma cruz grande pra burro e que ia dar muita lenha pra fogo mas que ninguém tem coragem de quebrar por causa da maldição de Deus Nosso Senhor, é claro. Mas nem bem eu cheguei no cruzeiro encontrei o Pé de Cabra lá com a molecada dele. Êles olharam pra mim com receio, quer dizer, mais com jeito de respeito do que de mêdo, que mêdo ninguém tem aqui no dois a um e quem tem mêdo é chamado de galinha e ninguém quer ser galinha, pode

perguntar pra qualquer um. Mas vai daí o Pé de Cabra tava lá, né. Fui chegando e me assentei também no chão com êles e nem falei ôi. Ninguém falou ôi pra mim, também. Ficou todo mundo sentado e calado, que nem entêrro, olhando lá pra baixo, móde ver se encontrava sinal de confusão. O Pé de Cabra aí falou assim: “Tô com vontade de comer coquinho amarelo”. Nem bem falou e foi se levantando, que êle é resolvido assim mesmo. Eu também levantei e acompanhei êle. Daí a pouco tava todo mundo atrás de nós. Descemos o outro lado do morro e fomos catar coquinho amarelo. O Pé de Cabra subiu num pé de coqueiro e se despencou lá de cima. Sorte dêle é que êle tem osso mole, de tanto cair no chão e assim não quebrou nada. Depois que todo mundo já tava cheio de coquinho se resolveu que o dia tava quente, precisando da gente tomar banho no laguinho. Desceu aquêle mundão de gente pro laguinho e todo mundo nadou pra valer até a pele da gente ficar encarquilhada, com jeito de roxo. Quando a gente voltou pro dois a um tava todo mundo amigo de nôvo e o Pé de Cabra combinou comigo de ir ver macumba amanhã no terreiro da Joaninha. Falei pra êle que vou sim.

Quando entrei em casa encontrei a mãe do Corcunda com mãe. Nem liguei pra ela. Fui lá pra dentro e procurei pão debaixo da caçarola, que é o lugar onde mãe esconde êle. Achei um pedaço e comi êle todo. Daí a pouco Neuzinha entrou e falou que o pão era dela e começou a chorar. Me lembrei que tinha um coquinho no bôlso e dei pra ela. Ela comeu com tanta esganação que acabou engasgando. Comecei a rir e mãe veio lá da sala com a mãe do Corcunda pra ver o quê que era. Dona Lurdinha, que é o nome da mãe do Corcunda, encheu uma caneca d’água e deu pra Neuzinha enquanto mãe ia batendo de leve nas costas dela que era pra ela melhorar. Depois que a Neuzinha parou do engasgo, dona Lurdinha falou pra mãe que ela, a Neuzinha, tava bem taludinha e que eu também tava taludo que era uma beleza e aí mãe falou pra ela que o Corcunda também tá crescendo e ficando um homem e as duas ficaram assim, conversando essa conversa bôba e eu fui saindo, até satisfeito porquê as duas nem tavam mais brigando. Mulher é assim

mesmo. Nem bem acabou de brigar e já tá se ralando, falando bem dos filhos e como é que elas vão fazer amanhã pra arrumar dinheiro, se cair chuva. Quando eu cheguei lá fora já tava escuro. Vou te contar, tem dia que a noite tá uma coisa doida de bonita. Tem estrêla que não acaba mais. Eu fico contando elas. Depois perco a conta. Aí começo a olhar a lua. E olho, olho, olho e vejo uma porção de coisa. Bacana é que a gente parece que vai ficar maluco, quando fica olhando muito pra lua. Dá um troço gozado na gente e a pele se arrupia tôda. Mas daí a pouco eu já fico cansado de ver a lua. Aí então eu vou pra casa do padrinho Marcolino. Ele comprou um rádio de pilha e tôda noite, depois que êle chega da cidade, madrinha liga o rádio e a casa fica assim de gente, todo mundo querendo ver o rádio e ouvir música.

Por causa do rádio, que só padrinho que tem aqui no morro, todo mundo trata êle com mais respeito. Madrinha senta perta do rádio e fica tomando conta. Tem moleque que é bem capaz de querer pegar e quebrar aquêle troço que padrinho fala que é mais fraco do que bebê nascido de pouco e que custou um dinheirão, que êle tá pagando devagar.

As vêzes mãe também vem ouvir música e traz a Neuzinha. Os outros três pequenos ficam em casa, com a dona Zilinha, que é uma dona velha muito boa e por causa de não ter filho fica tomando conta dos filhos dos outros.

Hoje, quem apareceu aqui, pra ouvir rádio foi o Pé de Cabra. Chegou e ficou lá fora mesmo, debruçado na janela. Fingi que não vi êle, porquê êle é meio doido e ia dar aquêle maior berro pra mim na hora que me enxergasse ali, assim, ôi Nôdão, que êle me chama de Nôdão, todo mundo me chama de Nôdão, só mãe é que me chama de Nodinho, e aí, se êle ia brerar pra mim, com todo mundo calado, ouvindo música, ia ser aquêle vexame e eu fico muito vermelho de raiva quando tem vexame comigo. Mas não adiantou muito não porquê o Pé de Cabra cansou de ficar dependurado na janela e veio vindo, ginguando o corpo, tirando onda, que êle gosta de tirar onda, aquêle mascarado banguela mas muito legal, e veio vindo, veio vindo, mas sem me ver, e eu já tava até com raiva de mim mesmo de

ter vindo ali, e vai daí, bumba, êle me viu. Engraçado é que não berrou pra mim, do jeito que êle faz. Fiquei até pensando que êle tava doente. Mas era melhor êle ter gritado do que ter feito a coisa que êle fêz, que eu já falei que êle é doido e olha bem se não é doideira o que o Pé de Cabra fêz: pegou o rádio, antes que madrinha pudessa fazer qualquer coisa, que ela tava muito entretida conversando baixinho com uma dona lá perto dela, pegou o rádio, levantou êle na maior altura e gritou assim, "óia, Nôdão, êsse troço é demais, né?" Vou te contar, todo mundo ficou olhando pra êle, pensando que êle tava ficando maluco e daí a pouco apareceu padrinho, danado da vida, berrando pra êle que êle era um moleque muito desgraçado da peste e foi dando pontapé nêle e chamando êle de filho da mãe e tomou o rádio e botou o rádio no lugar que êle tava antes. Pé de Cabra parece que nem se importou, que êle é mesmo sem-vergonha e veio pro meu lado e aí falou: tudo legal aí, seu cara de pau? Aí eu comecei a rir e Pé de Cabra falou que tinha uma garrafa de cachaça lá fora e que tava me procurando pra nós beber ela. Falei pra êle que cachaça roubada não presta e aí êle ficou muito fulo de raiva comigo e berrou que êle tinha comprado ela com muito sacrifício de economia e que se eu não tava querendo êle ia fazer a pista e convidar gente de coragem pra beber com êle, que êle não anda com galinha medrosa. Falou em galinha medrosa comigo é mesmo que mexer com mãe: falei pra êle que ia sim e que era pra êle parar com aquela palhaçada de me chamar de galinha que eu ia quebrar a cabeça dêle igual eu quebrei a cabeça do Corcunda. Aí êle falou que tinha passado na casa do Corcunda e que êle tava deitado, com a cabeça cheia de pano branco com mancha de sangue, que a mãe lá dêle tinha botado nêle. Achei graça e fiquei pensando como é que pode ser o Corcunda com a cabeça cheia de pano branco, que nem lavadeira. Pé de Cabra também desatou a rir e o pessoal da casa olhando pra gente, feito bôbo, de ver a gente rindo assim, igual ao Zé da Venda, que uma vez tirou a sorte grande na Federal. Aí se resolveu que era melhor a gente sair e beber a nossa cachaça em paz lá fora. Pé de Cabra tirou a tampinha com os dois dentes que êle tem na bôca e que até parece mesmo feito só pra abrir

garrafa, de tão parecido com abridor, e aí começamos a beber, cada hora um, na bôca da garrafa. Pé de Cabra depois tirou do bôlso um maço de cigarro, quase cheio ainda e falou, com um bafo desgraçado de cachaça, que aquêle ali era engatado, aquêle era. A gente tava sem fogo pra acender o cigarro. Eu falei, vou lá dentro buscar fogo e entrei de nôvo na casa de padrinho. Achei melhor pedir madrinha. Madrinha falou pra mim que eu tinha bebido e que ia falar pra mãe. Falei assim, chateia não e me dá o fogo. Padrinho tava perto, ouviu e êle mesmo me deu a caixinha de fósforo mas falou pra mim que era pra eu não ficar desrespeitando madrinha não que eu sempre tive muita educação. Falei tá bem e saí de novo. Me assentei junto de Pé de Cabra e daí a pouco a gente já tava pitando e bebendo. A gente bebia, bebia e a garrafa nunca que se acabava. Fiquei vendo tudo zozzo, tudo gêmeo, assim: passava uma dona, eu via duas, tinha um árvore, eu via duas. Já tava ficando muito do baratinado. Pé de Cabra aí falou: tô muito doidão hoje e se levantou. Eu também levantei e acompanhei êle. E saiu gritando, que nem doido. A garrafa tava na mão dêle. Todo mundo que êle encontrava êle gritava que quebrava a cara. Eu acho que também falei que quebrava a cara de todo mundo. O caso é que ninguém tava com vontade de brigar e ficava todo mundo rindo pra gente e falando que era pra gente não sumir não. Pé de Cabra tava só bebendo e gritando e andando cada vez mais bambo. Eu também de vez em quando tomava a garrafa da mão dêle. Bebia e cuspiam um pouco de lado, que ela era das bravas, daquelas de arder a goela. E vai daí, chegou a hora que o Pé de Cabra arriou. Eu ainda tava meio bom. A garrafa já tinha acabado. Continuei andando. A caixinha de fósforo de padrinho tava no meu bôlso. Tirei ela e fiquei acendendo palito até acabar a caixinha tôda. Me lembrei que amanhã tenho que descer cedo pra engraxar sapato. Tive vontade de chorar de raiva. E ainda ajudar mãe a carregar lata d'água e catar papel. Me deu uma raiva desgraçada, comecei a berrar feito doido e falei pra não sei quem que passou perto de mim que eu ia suicidar. O fulano nem rasgou pra mim. Só falou assim: 'tamos aí. Saí correndo pro cruzeiro, vendo tudo rodando na

minha frente, tudo escuro de dar medo e corria, corria, de vez em quando caía no chão, me levantava de nôvo e continuava correndo até que dei com o cruzeiro na minha frente. Me assentei na beira da pedra onde que a cruz tá fincada e fiquei um tempão lá, vomitando. Achei que era um desrespeito vomitar perto da cruz mas é que eu tava muito cansado pra me levantar e depois também não tinha ninguém vendo. Depois que limpei a bôca com a manga da camisa, fiquei pensando numa porção de coisa. Primeiro, em mãe, depois na Neuzinha, na Maria Totonho, no Pé de Cabra, no padrinho que eu gastei o fósforo todo e pensei também que amanhã vou ter de dar outro duro desgraçado. E tem gente que não precisa de trabalhar porquê tem muito dinheiro. Nunca tinha pensado muito nisso não, que nunca me importei com isso. Mas hoje parece que eu fiquei diferente, sei não. Tô olhando essa cruz e pensando numa porção de coisa. Êsse mundo é engraçado. Se eu quisesse suicidar hoje eu suicidava. Mas eu só tenho oito anos. E tô com a roupa tôda suja. Ê chato morrer sujo. Depois tem mãe que não pode ficar sòzinha. E tem êsse mundão de gente que é amigo da gente. tem de noite, que a gente pode ouvir música, beber cachaça e sonhar com coisa boa de comer que eu nunca comi. Sei não. Não sei se tá certo ou se tá errado. Acho que vou descer de nôvo, que já melhorei um pouco. Amanhã vou ver macumba com o Pé de Cabra e engraxar sapato lá na cidade. Hoje não tem pão mesmo. Mas ainda têm três coquinhos no meu bôlso. Vou dar pra mãe. Eu já tô acostumado a dormir de barriga vazia.



CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS

POR FAVOR, LEVEM-ME

ZUMBI

Henry Corrêa de Araújo

Faculdade de Filosofia — 1º Ano — Letras

primeiro
eu vi as mãos lá embaixo depois entrei no elevador e o velho do andar de cima que é rico e tuberculoso me emprestou seus óculos tartaruga então vi as mãos de verdade e só não vou dizer com meus próprios olhos porque se eu disser com meus próprios olhos podem me achar individualista e me acusarem de estar fazendo pouco caso do velho e seu brilho podre direi apenas que vi as mãos lá embaixo duas gordas aranhas andando lentamente sôbre o assalto e também às vêzes correndo corriam como se fôsem um bando de meninos xifópagos que acabasse de pregar uma peça em alguém e agora, sem saber exatamente onde, procurasse se esconder indo e vindo ou tocassem num imenso piano branco uma imensa sinfonia

de quando
em quando procuravam as largatixasmãos escalar o muro do edificio onde eu me encontrava, no dia vinte e um de maio de um ano qualquer, beirando sempre a calha enferrujada por onde escorria um líquido grosso e pegajoso tentavam a subida com uma pontualidade que já se tornara monótona e quando eu percebia que iriam conseguir me refugiava de olhos fechados ponta de lança ou no armário ou no banheiro ou debaixo da cama

entretanto
não me era fácil adivinhar as atitudes que sempre e cronometricamente tomavam e elas poderiam tanto tentar novamente a aproximação como ir ao bar da esquina, pedir, esperar, serem servidas e comer avidamente um sanduíche e voltar arrotando salame barato ou como já fizeram anteriormente por mais de três vezes, mergulhar e nem meu amigo kafka saberia com que finalidade — no asfalto quente e se deixarem ficar imóveis como as outroramortas mãos dêle

tinha medo?

não é verdade

que eu tivesse coragem mas medo também não antes elas me repugnavam o cheiro forte da terra que desprendiam mesmo de longe e que iam diretamente ao fígado a côr nunca fixa vacilando camale(m)ão entre o rôxo e o pálido

é claro? daqui

onde estou no momento à direita da porta principal precisamente entre o sétimo e o nono andar meus olhos olhando-as abriam-se e se fechavam rapidamente como o foco de uma máquina de retratos que estivesse tirando retratos simultâneos ou então nas mãos de uma criança fôsse um furtivo passado tempo

é claro poderiam ser também os olhos de um solitário farol de uma solitária ilha piscapiscando verticalmente contra coisa nenhuma ou contra o chão onde elas agora permaneciam imóveis à escuta

a da direita

(sem o braço e o resto do corpo é provável que não saibam mesmo qual é a da direita mas por favor façam um esforço) tem uma cicatriz entre o dedo indicador e o médio apesar de as lentes do velho rico e tuberculoso estarem embaçadas e não me permitirem vê-la de imediato posso confirmá-la porque a mão direita (diga-se de passagem não pertence a Deus) foi a que da última vez tentou asfixiar-se (minha cicatriz é visível e me tem causado sérios e imprevisíveis aborrecimentos sociais) foi a que da última vez tentou matar-me. Vocês vão dizer que deve ter sido trágico, horrível, angustiante, çoitadinho

dêle, mas nem tanto o que não pude mesmo conter o riso um riso imenso uma imensa ponte ligando o meu prazer ao seu ódio sabia-a morta e não me contive ao seu contacto áspero e macio e à lembrança de certos fatos passados os quais se me permitem não vou reecontá-los a não ser a marca, o corte profundo sôbre a carne fresca nada restou de sua visita.

outro dia meu pobre e querido irmão esteve aqui à direita da porta principal exatamente entre o sétimo e o nono andar mostrei para êle as mãos e êle não entendeu e nem eu porque começou a chorar e disse que eu estava doido e que as mãos mirando bem eram miragem. Não façam juízos precipitados do meu pobre louco e querido irmão porque êle tremia e urinava muito e só depois que eu segurei com a minha mão a mão dêle foi que eu percebi que não devia mostrar as mãos *dêle* para ninguém

digo se me prometerem não tremer e não urinar como meu pobre louco e querido irmão eu as mostro para vocês as duas gordas aranhas saltitando sôbre o asfalto

o carro do velho quase pegou a da esquerda porque a da esquerda é mão bôba não no sentido que vocês vulgarmente dão à palavra é que ela é mão bôba mesmo mão bôba de insulina. O trânsito ficou interrompido horas e dias e o inspetor sem poder decifrar a causa do tumulto ficou movimentando os braços violentamente como aquêles bonecos que a gente vê nos carros de pipoca tocados pelo vento eu desci lá e falei isto é tentei falar fazer compreender ao inspetor que a mão era a causa de tudo mas êle fingiu — por burrice ou por medo — não me entender e também as outras pessoas e então mais por compaixão eu os deixei ali horas e dias

horas e dias teriam permanecido ali se elas não tivessem retornado e retomado o ataque eu as vi lá embaixo saindo entre a multidão e olhando para mim e apontando-me com seus ponteagudos e gordurosos dedos VOCEVOC EVOCEVOCEVOCEVOCEVOC

VOCÊ eu as ou-
via e o grito repercutia em todo o quarto transformado mo-
mentâneamente numa gigantesca câmara de eco. Sabia que
em breve estariam novamente aqui principalmente a mão direita
mas eu digo que não vou me assustar e desta vez não me esconderei
absolutamente dentro de armário nenhum e nem debaixo
da cama como uma barata até que cheguem simplesmente ligan-
rei a radiola estereofônica colocarei a nona abrirei a geladeira
tirarei uma cerveja gelada e farei muitas outras coisas que a
gente faz quando espera a mulher amada ou uma visita im-
portante

logo que che-
guem as receberei como se fôsem a mulher amada ou a visita
importante e enquanto se embriagam não deixarei de rir um
só minuto e continuarei rindo duzentas mil noites até que no
momento exato e oportuno direi

POR FAVOR
LEVEM-ME

DIDÁTICA

MARTIN

Sérgio Andrade Sant'anna e Silva
5º Ano — Faculdade de Direito

Quando há pouco se deixou as tranças, o professor pode ser visto apenas como um homem de óculos, sério no seu terno mal passado e monótono na repetição.

Ele era professor de inglês.

O que havia, sobretudo, era uma grande dificuldade com a pronúncia. Mas a maior agravante era o horário: o último antes de se ir embora.

Soava uma sirene e elas vinham, preenchendo o absoluto silêncio e a sua expectativa renovada com risadas e arrastar de pés. Empurrada a porta com decisão, elas entravam: trinta.

Um colégio respeitável, as gracezas das meninas cuidadosamente escondidas no uniforme mutilador e tôdas outras formalidades cumpridas rigorosamente, inclusive algumas orações e os hinos nas vésperas cívicas.

Por isso, muito cuidado com as palavras, mesmo numa aula de inglês. E assim acontecia um verso não lido num poema e um grande silêncio sobre certos assuntos. De preferência, aquelas frases, as flôres sendo amarelas na primavera da Inglaterra e o pai de John trabalhando como engenheiro diretor.

Sobrinho de um dos proprietários, êle ainda permanecia, enfrentando as cóleras mal disfarçadas e a desconfiança cons-

tante. Sim, porque desde o princípio êles entenderam que o nôvo professor não era um dos seus: nunca havia falado nas reuniões do corpo docente e, de vez em quando, era visto mesmo com uma rosa prêsa no bôlso do paletó.

Depois, a sucessão de mal-entendidos.

Naquele dia a frase: “a avó de Peter carregando o navio nas costas, a cruzar o Oceano Atlântico, vestida com um terno escuro e em companhia do cachorrinho da família”. Pula-se uma linha e têm-se o absurdo. Dá-se o absurdo e há uma súbita descontração. Foi uma gargalhada sem precedentes. Lindíssimos dentes brancos mas, o fato devidamente anotado contra êle.

Certa vez o poema crescendo dentro de si até que recitou-o inteiro. Ah. quando se é professor de adolescentes; jamais dizer o verso lindo em presença da menina sonhadora e solitária e, principalmente, jamais lhe sorrir de uma maneira especial. Ela anotara a frase: “. . . aquêles dias de êxtase indizível. Quando as bôcas se uniam”. Em casa, não se admitiam êxtases. Muito menos a diretora. Êle tentando esclarecer que a tradução de poemas era importante para a matéria. Descobrimo alguém que o poeta era francês, êle se calou.

Sucedera, entretanto, apenas o inevitável. De um modo ou de outro terminaria por dar-lhes os motivos.

Já ao entrar pela primeira vez no velho edifício, conduzido pelo tio, imediatamente notou o môfo nas paredes. Após a entrevista na Secretaria, descobrimo que também êle se encontrava nas pessoas.

E a velha diretora. Ao se verem naquele dia não levaram mais que quinze minutos para que se conhecessem. Ela falou um pouco, êle mantendo-se calado. Mas traiu-se. Por algum detalhe que lhe escapou, traiu-se. Talvez uma leve troça inconsciente nos lábios, ou mesmo um ar de desânimo ou indiferença. Mas o que importava de fato é que ela soube desde logo, e para sempre. Naquele instante, porém, a presença do tio entre os dois. Êle conseguindo ainda dizer algumas palavras: uma promessa . . . agradecimento . . . não sabia bem. Alguma coisa como

“está certo”, “farei o que fôr possível para enquadrar-me nos seus planos.”

Era mentira. Mesmo que quisesse de verdade seria impossível. Não tanto pela vontade de lutar contra êles — era pouca. Achava inútil. Compreendia demais e também se conhecia. Tudo se passaria diferentemente. Êle se desgastando aos poucos. Uma palavra escapada num dia, um gesto impreciso em outro e, especialmente, o não cooperar com o objetivo dêles. Isto acabaria por não ser tolerado. Aquêles tipo de gente sentindo a necessidade de uma tranqüila uniformidade ao seu redor. Por isso não suportando as meninas, possuídos pelo medo. Como se, de repente, o mundo estivesse sendo tirado do seu alcance. Era certo que livrar-se-iam dêle, sua presença incomodando demais até a saturação.

Mas a luta seria com a velha. Com os outros era muito automático: não sabiam direito o que estavam fazendo. Mas ela, conhecendo seus mínimos atos; o ódio . . . a simulação. . . . Entretanto, como se sòmente com a presença dêle — a coisa vista de fora — tudo se tornasse real. Seus sentimentos não mais lhe pertencendo exclusivamente. E quando êle a encarava ela sabia que êle sabia. Apesar de tudo, os motivos idênticos, ela odiando as meninas pela mesma razão que êle as amava. Alguma coisa que não podiam mais agarrar. E precisava também a velha de estar próxima a elas. Ver de perto e não permitir.

Rígida, a voz cortante, o andar rápido conhecido por todos pelas chapas de metal no salto dos sapatos, sua presença em todos os lugares. Aquela frase moral na parede era de sua autoria; nas palavras sussurradas com temor era sua figura que se interpunha e nos gestos suspensos pelo meio era ela quem segurava as mãos.

Agora, para êle, só restava a espera. Uma vez desencadeadas tôdas aquelas fôrças não haveria a menor dose de chance de escapar. Apenas o tempo suficiente para o convencimento do tio no que faltava. O tio. Quase poderia adivinhar o momento em que sua decisão, eliminando tôdas outras possibilidades, seria tomada. “Não se pode ser indulgente quanto a

certos assuntos. Mesmo em se tratando de pessoa da família: antes de tudo o bom nome do colégio.”

Entristecia-se? Não podendo afirmar com certeza. Considerava-se conformado, os acontecimentos desenrolando-se sem que pudesse evitá-los. Enquanto isso, simplesmente não conseguindo tomá-los em tôdas as suas conseqüências. Seria preciso esperar os dias em que não mais visse as meninas pela frente para apreender todo o significado delas. Mas havia o pressentimento. Mais ou menos como a volta diária para casa. Uma cama de ferro ... o apartamento vazio...

Não; seria pior. Então, nem mesmo a espera do dia seguinte..

E sem êle as coisas se passando quase do mesmo modo. A velha reinando sôbre todos, os professôres tranqüilizados pela segurança que ela lhes dava. Não tendo que encontrar-se consigo mesmos. Apenas as alunas atuais sentindo um pouco sua ausência. Não por êle exatamente. Mas percebendo que algo se tornava mais difícil. As que viessem a seguir, nem sequer notando que poderia ser diferente.

Os dias contados. Mas, por enquanto, continuar a dar as aulas.

Sôbre o estrado de madeira, envolvido numa tênue névoa de giz, a sua perspectiva: por cima das cabeças a parede nua com o crucifixo. A sala despojada, carteiras velhas e escuras e o enorme quadro negro. Trinta pares de olhos em várias direções, os pensamentos ramificando-se em inúmeros caminhos.

Ah Quando se é professor de meninas adolescentes...

Um dia de verão o sol penetrando geomètricamente pelas janelas. A fumaça do cigarro enovelando-se com as partículas flutuantes no raio de luz. Uma gôta de suor pingando na fôlha em branco.

Com o calor, todo esforço sendo feito para suavizar o tempo escorregando lentamente.

A carícia feita de leve, mão suspensa no ar, o imperceptível ajeitar do cabelo da amiga — o amor — o olhar de entendimento de muitas confidências anteriores. Tão juntas e distantes — o

verso vivendo nos olhos da outra. Não esquecer de contar o mínimo detalhe, explicando sempre, para que não pare o mal entendido.

Em tôdas elas os gestos abortados, a energia prêsa voltando-se para dentro, dedos crispados por atos irrealizados.

Na primeira carteira, com o lápis na bôca, a absoluta inocência de si mesmo, as pernas de quinze anos generosamente à mostra. Uma promessa de mulher, um instante de placidez. A lourinha bonita concentrada em projetos felizes, a vida tôda depois, depois...

A outra, de óculos, fitando o vazio por cima do professor, a idéia triste sempre repensada em soluções passageiras.

Na garota escondida no fundo da sala a falta de identidade. De quem nunca se conseguirá lembrar na ausência.

E os dias de chuva... um devaneio sem fim, os olhos da menina magrinha contemplando o morro próximo quase encoberto pelas nuvens. Lá fora o barulho da água caindo ... lá fora o mundo.

O verde envolvido com o negro e o vermelho. Fantasias. A mente projetando um corpo alongado para uma linda mulher. Rostos masculinos em sorriso protetor. A música impossível. Todos os caminhos em busca da harmonia.

Aos quatorze anos o futuro sendo a ocupação principal, o passado tendo-se tornado uma imagem baralhada, desangústia perdida sem saudades. Elas enfrentando com destemor a metamorfose violentamente dolorosa. Tarefa impossível a de obstruir o caminho. Teriam sempre forças para colocá-los à margem e prosseguir. Pobre velha idiota.

A sua turma. Cada ano uma nova leva de meninas, as anteriores perdendo-se para sempre. Estranhos seres; tão diferentes dêles como se formadas de outra matéria.

A princípio avaliavam-no com cuidado. Depois o desafio. Certificadas, não mais o encaravam como o obstáculo a transpor, embora as infelizes fizessem todo o esforço para atrair-lhe a atenção.

No decorrer do ano, êle sendo testemunha dos seios rompendo decididamente. Lágrimas furtivas sem motivo palpável, retratos circulando de mão em mão. Mais de uma vez, surpreendendo uma certa atenção penetrante — de procura . . . aproximação . . . ?

Mas êle não podia; a não ser disfarçadamente.

Sim, porque como professor de meninas êle poderia ser visto de muitas maneiras mais que o monótono homem monologador. Era muito arriscado.

Como aconteceu com Júlia. Há uns três anos. Deixando-se ficar no fim da aula. Sempre uma última pergunta a fazer. Demorava-se diante dêle, uma certa súplica naquele olhar. O quê, meu deus? Não podia permitir-se compreender.

Duas ou três vêzes que ela o acompanhou na direção de casa, andando agitadamente, a falar de todos os assuntos disponíveis. Queria responder, mas aquela enorme preocupação dentro de si fazendo-o vigiar todos os cantos da rua. Como se estivesse cometendo um monstruoso crime. Então não queria e se afastava embora quisesse profundamente. O quê . . . ? Pois mal se distraíndo, percebendo-se envolvido na tarefa de atraí-las, sentindo-se depois totalmente desarmado. Filhas? Não, não seria bem isso. Tão pouco era o sexo: êle não se perdoaria.

Jamais conseguindo certificar-se completamente do que pretendiam elas. Talvez também lhes faltasse alguma coisa muito grande. Quem sabe êle poderia . . . Não, era engano. Êle fazia parte de suas descobertas. Só isso. Tremendamente passageiro. Em breve não conseguiriam nem lembrar-se de que houve, em certo tempo, uma aula de inglês.

Duplicando-se, desejava fugindo. A vida. Queria a vida. No dia em que não pudesse mais amá-las estaria irremediavelmente morto. Como a velha e os demais. Fazendo-se presentes apenas pelo mal estar que provocavam.

Mas tinha que ser à distância. Havia os outros e o medo. Deixá-las inteiramente separadas de si, sua única ligação sendo aquela aula insôssa. O máximo que podia eram as palavras. Mas nunca ir longe demais. Como fôra, agora inevitavelmente

condenado, destinado à solidão. Encarregar-se-iam de colocá-lo no seu devido lugar e daí em diante tendo que viver a sua única e própria vida. Talvez lhe estivessem tirando um pêso de cima. A realidade necessária. Ser pôsto de lado como todo o resto, o mundo cada vez adquirindo maior mistério para êle. Até o dia em que teria de contentar-se em olhar o tempo e ler os jornais.

Sòmente enquanto êle ainda estivesse por ali haveria sempre a turma seguinte.

Um dia, nunca mais.

Quando se é professor de meninas é preciso fazer o jôgo. Se se quiser conservar o emprêgo.

RL

revista literária

CONCURSO
DE
POESIAS

1º lugar no con-
curso de poesias

MEDITAÇÃO SÔBRE O MORTO

IGNÁCIO DIAS

Marco Aurélio Duarte Gonçalves

2º Ano — Faculdade de Direito

*Sôbre a mesa êle se gasta.
Será repouso o seu modo
de subtrair-se? Nada o prende.
Antes — é seu tempo
inumerado, sem quem o preencha.*

*A morte é descompasso
nas contas usurárias
(sua insolvência).
Cortina de sombra que resiste
no olhar dos vivos
e pura indiferença às coisas
que se precipitam.*

*Que buscará?
Sua ausência é a de quem começa
a percorrer os pertences
em latitude contrária.*

*Avarento de memória
cavou-a como um pôço
onde depositou a origem
sem medida
de sua conseqüência.*

*O morto tem o cinismo
e a rigidez irônica do aço.
Fêz sua despedida
por partes. Depositando o ôvo
da morte em seus iguais.*

CONCURSO
DE
POESIAS

TRABALHO ESCOLHIDO



PROFISSÃO DE FÉ: POETA E POEMA

ENRICO BALDONI

Fernando Rios

Fac. de Filosofia — 3º Ano — Ciências Sociais

(a)

entre silêncio e gesto
o espaço do poeta

PALAVRA

o ponto
onde poema e poeta
criam

e

querendo a vida
podem dizer sôbre o mundo

(b)

o crepúsculo
onde o poeta mergulha
— não «far-west» —
é o trazer
fazendo perto e posse
as côres

o crepúsculo
onde o poeta se guia
não o longe
nem o perto
e nem o sol
 ou ausência
mas a forma de abranger
presença e sentido do olhar

(c)

sendo o poeta
 «engagé»
a guerra
não a forma de beleza trucidada
mas o conteúdo
onde o corpo do poeta
aberto
se modifica em sangue

a guerra
longe ou perto
 sendo morte
 o poeta grita
 sendo peste
 o poeta clama

e sendo somente
 GUERRA
o poeta
renuncia ao fuzil
organizando palavras
em forma de combate

os olhos
quando pressentem a guerra
se plasmam
e o poeta
imune à metralha
transfere o papel
 para o alvo
e suas palavras
apalpam o médo

(d)

para o poeta
é importante viver

o morto
não é fôrma
nem recipiente

(e)

a roupa do poeta
não lhe cobre a pele

é preciso
mais que sôbre o corpo:
sôbre a côr das vísceras
e do sangue
aplacar a ira

(f)

coordenar
ordenar
palavra
PA

o poeta-lavra

(g)

onde o campo
combate
o poeta pisa
LIÇA

o poeta-lança

(h)

onde o soluço
clamor
o poeta expressa
ANSIA

o poeta-prêsa

(i)

ENTRE POETA E POEMA
o vínculo
— HOMEM-NU —

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO



POESIAS



FACE FALSA

P. Pontes

Não me vejam alegre
Não me olhem rir
 Estou rindo
 Pra não chorar
 Com medo de mim mesmo.

Observem meu riso que é falso
Não é pra valer
É alegria triste (escondendo qualquer coisa)
Que lá do fundo sobe.

Olhem que o rictus da boca
Esboça um travo amargo
Reflete simples tristeza.

Vejam que meus olhos
Não riem, até choram
Em descompasso com o rosto
Que mostra a face alegre
E não figura a opressão
Que prende e entrava
Um soluço que
 que vir lá
 de dentro de meu peito
Arrebrantar como bôlhã
Escorrer como vento
Mostrar a verdadeira feição de
um homem que rindo,
 está chorando.

novembro-65

TEMPO TEIMOSO

P. Pontes

Vem a tarde
e a noite
e a madrugada.
Passo a passo,
tempo vai,
volta a brisa, alegre e jovem,
descobrimo as cãs
que se anunciam
Precoces
em nossa nuca que raro se volta
se curva, em submissão ao tempo.

E hora de crepúsculo
de vida, de pensamento
de tédio.

Então ficamos,
sós com Deus
nós conosco

E velamos,
um tempo teimoso
que nos quer deixar
pra trás.

Assentados (pra não cansar) aguardamos a Senhora Morte.

fevereiro-66

NÃO ME CONVÉM

P. Pontes

Me convém a forma
Me convém o estilo
 Não me convém o conteúdo.

Me convém a hora
Me convém o encontro
 Não me convém a pausa.

Me convém a ausência
Me convém a saudade
 Não me convém o silêncio.

Me convém a noite
Me convém a partilha
 Não me convém o espanto.

 Não me convém o conteúdo
 Algo em mim se estabelece — atrito.

 Não me convém a pausa
 Peito em fogo — face em gelo.

 Não me convém o silêncio
 Corpo-desacôrdo — em lençóis de linho.

 Não me convém o espanto
 Olhos mudos — horizonte sem mundo.

 Não me convém amar
 Procurar?
 Não me convém.

janeiro-66

UMA LUZ AO LONGE

P. Pontes

Uma luz vejo ao longe
no monte azul da manhã.
É um sol ou uma estrêla ou uma lâmpada.
Não sei
Um facho de claridade que persigo
Menino, papagaio, jôgo de
finca, "nêgo-fugido"...
É um pote de ouro que se me mandei alcançar.

"— Menino, o quê você quer ser quando crescer?"
"— Feliz", respondi.

Há muitos anos dei uma resposta pronta a uma quase inquisição
materna.
Há muitos anos passei a perseguidor de um sol ou de uma estrêla ou
de uma lâmpada.

Vejo uma luz ao longe
por sôbre o ombro de meu pai.
Pode ser arrebol ou entardecer ou anoitecer.
Não sei
Vida ao meio-dia
Sento-me e, mãos ao queixo,
descanso de uma busca.
Namorada, noiva, futebol,
dança, mulheres ao cubo...

Pergunto-me se vale a pena procurar:
está tão longe a luz e eu tão cansado.

“— Rapaz, o que queres da vida?”

“— Tudo ou nada”, falei.

Há poucos anos discuti sôbre a relatividade do nada
Sôbre a inutilidade do tudo.

Há poucos anos mandei-se incisivamente continuar a busca.

Ao longe vejo uma luz,

firmando a vista, óculos encavalando
o nariz. Lusco-fusco.

Pode ser aviso ou incentivo ou armadilha.

Não sei

É tarde-noite de vida,

Sinto o claro-escuro se firmar

Abatendo-se sôbre mim.

Trabalho, família, poesia,
gravata, ideologia...

Levanto-me e sigo

É sina, é cruz, é desejo.

Sempre estêve, na vida de manhã,

Tão longe, ao alcance da mão.

na canícula, ao entardecer,

Luminosa, claro festejo.

Estou a andar

Até alcançar

Quando? Quando?

QUANDO?

março-66

DESCOBERTA DA POESIA

P. Pontes

Dentro da noite
tento escrever,
e não ousou aclarar os pensamentos.

Descubro a poesia,
meia dúzia de vinte ou trinta palavras
mas que procuram exprimir prazeres, dôres
recalques, anseios.

Poesia é desculpa de preguiçosos
e eu sou preguiçoso
infinitamente preguiçoso.

Meus personagens não têm visão própria de vida.
Ora são a favor, ora contra,
num mesmo fato, acontecimento.
São difíceis de interpretar
com uma série de palavras —
união de letras.

Então recolho meditações esparsas
De pessoas que poria em livro,
Um é o paradoxo de si mesmo,
Outro é a negação da vida,
Meu próprio Deus é um mito.
Um caudal de pensamentos
Me aflora à poesia
Descuido: não tem importância
Passa por excentricidade — do poeta

Já posso cantar o amor perdido
Já posso xingar a mulher fingida
E o flêrte
E a amante

A sempre mulher.
Descubro a poesia — ou não é poesia
sentir-se triste, alheado
ao sentimento duro da sobrevivência.

Descubro um nôvo olhar
uma antítese, um sorriso
No irreal.

Descubro e gosto:
gosto e estendo,
no tapête sempre verde do abstrato
a palavra
que muito significa e,
na passarela onde a febre se recolhe
disponho de um simples ato
mecânico, quase independente,
de traduzir um pensamento.

março-66

elegia

valmiki villela guimarães

cedo manhã dourada
o azul o verde o mar

e o corpo humano
e o ser humano

um corpo humano
na água do mar
um ser humano
na onda do mar

dourada manhã
dourada vivência

(apêlo da água
do mar mais profundo

tristeza da areia
da côr mais dourada)

dorida manhã
dorida vivência

o ser humano

o corpo humano

*Meu pai juntou
os papéis da sua vida.
Todos os papéis da sua vida.
Como pode uma vida
resumir-se em alguns papéis?
As tristezas registradas
alegrias registradas
e todos os sofrimentos
e dois três ou quatro momentos
de paz inconseqüente
fixados nas entrelinhas
dos papéis legalizados.
Dou conta de mim
e pareço descobrir a verdade:
sou filho inexperiente
de um pai que se aposenta.
A partir de hoje
sou o princípio da vida
de uma vida aposentada.
Não faz mal.
O que temo é a responsabilidade
de vir a ter uma vida
devidamente policiada, documentada
e passada em cartório.*

José F. G. Gabrich

CRÔNICAS



TRÊS CRÔNICAS

Elisa Maria Pereira

SOLIDÃO

Súbitamente a solidão acordada.

A certeza de se saber sempre apenas si, numa tristeza serenamente antiga. E agora a presença violenta da ausência.

A necessidade de procurar algo além da ternura pela criança que passa ou da poesia de um cenário.

Buscar algo escondido em Bach, no trabalho rude dos homens num "papo de fila". A compreensão de que o escondido nos toca, crescendo num desejo.

Tentativa de sorrir para agradar a violência da vida. E então surpreender-se sorrindo para a própria amargura de se ver apenas expectador daquela violência que une.

Descobrir-se sem tranças, sem trilhos, sem trancas, livre para ir. Mas não ter nenhum onde. Ter unicamente o tempo passando e arranhando a gente e acordando a vontade de feri-lo também.

BH — junho - 66

CHUVA-CHUVA-CHUVA

E chovia. As gôtas engravidando a terra. A fertilidade brotando em caramujos. Encaramujando-se o existir. A enxurrada fazendo carinhos violentos nas pedras do calçamento. A rua suportando melancólica a piedade da chuva. O homem

sùbitamente desejando chá. Um desejo pleno, afastando tudo. Só o corpo permanecera perto. Na submissão humilhante, conduzia guarda-chuva e seu êle através da espera que diminuía rápida. O corpo sentava-se fingindo independência, mas muito antes era o desejo de chá que se sentava.

A chavena exalava indiferença de porcelana.

Uma compreensão desesperada tomou o homem. Um saber pequeno se agigantando: o desejo era apenas total. Como poderia ser então de tomar chá.

Tinha sido uma mistificação que a monotonia da chuva insinuava.

A amargura, a amargura erguendo-se tateando o existir.

Na espera o chá se tornara môrno, comedindo tédio.

O homem erguia-se, usando novamente o corpo que ia agora indistintamente animado.

Tão boa uma batida depois de outra, outra, outra...

Ibiá — 29-11-65

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

Nadamando, soliberdade grandemais pra vivejar.

Solispensando no êle não sido. Soliseficando até o se finar.
(O se tem fim?)

Mas hoje é pré-domingo: VIVA! (viva o quê?).

Amanhã-sendo, o ante comêço do recomêço. (de quê? os quês não sabem para quê).

Pré-domingo, noite, riso só. (onde estão as crianças?)
Os coms do riso dormibrincaram.

Sàbadamente esperificam mulheres — casco claro, casco escuro — chopp-velório da tarde ex-que-sida (há muito).

Amanhã, a manhã nem saberá. (as manhãs nunca sabem).
A singularidade ocultando o há descobrir. Quando fôr amanhã, insaberemos todos. È sempre um amanhã só.

Agora e o estar do muito escuro. Esvaifica-se o amanhã de ontem.

BH — 13-11-65

MUDANÇA

P. Pontes

Carlos Prates, ontem, 1957. O menino sentou-se nos calcanhares para olhar pela última vez as luzes da cidade, lá longe, lá embaixo, quase um quadro de moldura prêta que se ia afunilando para terminar onde a vista acabava. Deu câibras na barriga da perna e levantou-se, mas sem tirar os olhos da cidade que julgava adormecer. Em sua cabeça de criança-menino não moravam outros problemas que o da mudança, apenas carregar suas coisas o amolava, a arrumação na casa nova ia dar um trabalho, ora se ia. Pedacinho de quintal aquêlo que ia deixar, com um raro pé de pitanga que, além de uma ou outra fruta que êle nem lembrava quando, servia bem para molhar a irmã quando chovia e, de maldoso e ranzinza, mandava a irmã ficar debaixo da árvore para depois dar um pontapé e sair correndo dos pingos que ensopavam a cabeça da menina, bôba que era.

Do jôgo de finca e de bolinha de vidro nem se falava: onde quer que fôsse haveria sempre um pedaço de terra para riscar ou furar um pilôto. Para a galinha de pescoço pelado, com seus pintos de pudins de pão, não haveria problema — a minhoca é universal.

As aves, errantes apátridas que se dariam bem num pedaço de chão, numa poça de barro. Seus olhinhos iam descobrindo coisas esparsas da vida diária.

O estuque caindo no comêço da escada, com os tijolos sujos aparecendo, e a casa do cachorro Smuk — nome estran-

geiro, afirmara o irmão mais velho — que de tanto raspar a parede criou um friso retinho, retinho.

Só ia sentir mesmo falta era do bambuzal; bambuzal dos caniços de pesca em rio imaginário, porque de água só a da torneira — às vêzes — nem pedaço de córrego tinha no bairro; só se fôsse pescar no Arrudas — pescaria cada coisa engraçada! Bambuzal do forno que fizera para os assados do casamento da irmã. Bambus para aparar, lixar e jogar feijão na cabeça dos passantes, escondido no alpendre: levava cada cocada da mãe, bem no alto da cabeça. Ah, se desse tempo êle ainda cortaria umas dez varas, mas pra quê, não pagava a pena.

Outra vez olhou as luzes da cidade, que tremiam em compasso com seu corpo friorento. Será que estava com frio ou era já saudade do canto de quintal onde se fizera menino? O menino, esbôço do homem, bateu o pé na poeira fina — coisa chata era varrer o chão todo sábado — sacudiu a cabeça e saiu de mão no bôlso para atender os gritos da mãe que já entrava na boléia do caminhão da mudança. Não olhou pra trás, nem pensou em nada. Só menino consegue pensar em nada...

NADA PASSA

Mabel de Britto Lommez

Vaticínio cruel que a mim se propõe: “nada passa”. E eu respondo como eco: nada passa. E, com isso, afirmo que já não me resta esperança, nem mesmo a de ver as coisas passarem, aliás nunca pude ter essa esperança.

Já não me aflijo. A vida escapa-se-me das mãos como a de todos e eu espero, não com esperanças, mas com resignação. Ditaram-me a sorte, a malfadada sorte de estar viva, de vê-los e ouvi-los, de ver-vos e ouvir-vos.

O dia de ontem, o de hoje... O mesmo sol, a mesma luz, o mesmo riso traiçoeiro e sem significado. É inútil procurar significado nas coisas, elas apenas existem. A grandeza dos homens me aborrece. Suas palavras, despidas de conteúdo, nem renovam o ar. São inúteis, como são inúteis e vazias suas vidas, sua febril agitação em busca do nada. Pois nada encontram sempre que procuram algo. Eu já procurei muito, fui incessante pesquisadora das coisas e nelas encontrei apenas esta verdade, verdade extraída de sua própria essência — elas existem. Os homens apenas existem, mas não querem existir apenas. E no seu anelo de se imortalizarem, esquecem-se de que agonizam. Eu assisto à agonia deles... Eles sorriem, sorriem talvez por desespero. Sua alegria á vã. Sua vida é vazia... Eles se agitam em busca do nada.

Essa minha canção: eu nada tenho, eu nada sou mais que a repetição de tudo quando existe e vive, já sei que nome

darão, dirão que ela é desesperada, chocante e pessimista (êles têm sempre as mesmas palavras para tudo). Mas que me importa? Êles estão sujeitos como eu às mesmas leis da vida. Mas eu estou resignada e posso delas falar, não as procuro ocultar — a verdade é para ser vista e sentida. Se alguém ma diz, sei ouvi-la, pois esta é a realidade, é isso a vida.

O mundo me arrasou mesmo antes de ter nascido. Mas que me importa o mundo? Nenhuma lágrima assistirá ao fim, ao fim que é de todos e não só meu. Nenhum gesto me sobrá. Nenhum grito meu se fará ouvir. Nem pensando hei de formular. Nada... Nada apagará a dor de saber que nada vale.

De meus fragmentos consegui construir o *eu*. E o *eu* vive e isso me basta. Não preciso de que êstes fragmentos sejam valorizados. Êles valem pelo que são — simples fragmentos, resíduos da vida.

Antes, bem antes, como a todos os homens acontece, tive esperança, não foi esperança, foi fé. Pensei que existissem outras verdades e que estas valeriam, segui o malfadado caminho daqueles que escolheram a verdade. Minhas palavras ficaram gastas e ninguém as ouviu e, quem as ouviu, delas zombou, delas fêz silêncio e ironia. Hoje cuspo estas palavras de verdade e aconselho a todos fazerem o mesmo. Não percam tempo, amigos, êles não precisam de verdades... Já estão perdidos...

Muito me torturei na ânsia de achar coerência em meus próprios atos e idéias — hoje estão êles dispersos e evasivos, perdi-me como todos no emaranhado dos gestos. Cumpri a trágica sentença do destino — pertencer ao gênero humano.

Se agora eu me debruçasse nesta janela e gritasse aos homens que os odeio, seria apedrejada. Não por ter feito uma profissão de ódio, mas porque lhes disse o que o que artificialmente êles negam. Os homens são repositório de ódio. Amam a mentira: pregam amor, solidariedade e, desde os primitivos tempos, matam, roubam, mentem. Mentem quando matam, porque assassinam por gôsto e afirmam que é para sanar. Mentem porque se apossam indevidamente dos bens

e chamam de ladrões aos legítimos donos. Mentem porque querem ser grandes e racionais.

Filhos do ódio, maltratam por maltratar. Se seus gestos são amenos, desconfiai-vos de suas palavras. Nunca encontrei um homem de gestos e palavras amenos, mas neles é constante a brutalidade e a estupidez de gestos e palavras.

Somos imutáveis em conjunto. Transformamo-nos no exterior, na aparência, nos costumes, intrinsecamente somos os mesmos. O mesmo espírito bélico, a mesma força competitiva, o mesmo desdém, a mesma face indiferente e maligna, apenas os nossos processos de destruição é que evoluem. O progresso material do homem é indiscutível, mas o espiritual se faz cada vez mais tênue, mais lento, mais difícil.

Eu estou satisfeita. É bom que nada mude. É bom que nosso destino seja o mesmo. Siga a mesma constância universal e dêle ninguém escapará (pois poderíamos escapar-nos e isto seria terrível). A esperança, se esta houver, está na morte. E eu, como alguns homens, não compreendo êste mundo. Êste mundo que tomou minha vida para si e a arrasou, êste mundo que ainda me devora. Êle não me pertence e eu lhe pertenco, mas não fui talhada para êle. E quando ela vier, a Consoladora Eterna, eu a receberei, porque a esperança de quem nada espera é esperar pela morte.

CONTOS



RODOVIÁRIA

luiz vilela

Deus me livre de cidade grande, não sei como você acostuma com essa correria essa gente essa barulhada

— alô

BEBA COCA-COLA E VIVA FELIZ

na roça pelo menos a gente olha ali aquêlo tipo esquisito estrangeiro? mas estava dizendo aquela ali deve ser a mulher dêle

— telefonista?

ei o senhor aí!

eu?

— como? ah, sim

passageiros que se destinam ao Rio de Janeiro no horário das dezessete horas

cinco já? e a Maria meu Deus ela nunca mais que chega, que será que ela — você está afobado à toa compadre ainda faltam quinze minutos — mas se ela — o ônibus nem chegou ainda

sobe aqui tenho um negócio
pra te contar vem cá

se ela perdeu na rua

“O HOMEM DOMINA O COSMOS”

quê que é

foi lá naquela rua perto daquela estátua — estátua? mas há tantas estátuas — aquela naquela praça perto daquele mercado — ah sei não há perigo é pertinho daqui — mas numa cidade grande assim

BEBA COCA-COLA E VIVA FELIZ

Lista Telefônica
1965

Seja Breve
— alô; pronto; é

o máximo de mulher só te digo isso

— pronto; alô, quem está falando? é o Moura? hem?

ela não sabe andar direito na rua ela fica apavorada com os carros

com licença

vai ser um programão menino

— sim, é o Celso, quê que aconteceu?

um desastre um dêsses lotações ela não sabe

— meu Deus

*olha que coisa mais linda
mais cheia de graça
é ela menina que vem e que passa
seu doce balanço
caminho do mar*

a gente pode ver se ainda encontra ônibus

— mas quando? que hora?

olha lá não é ela?-onde? — lá na frente — lá? — aquela que vem lá — não ela está de vermelho — estava parecendo — fico pensando na Betinha ela é muito sapeca pode ter escapulido e corrido pra rua

desculpe

**passageiros que se destinam a São José do
Rio Preto horário das dezessete e quinze**

só cinco minutos minha Nossa Senhora

— é o Jairo? olha eu só
tô achando daquele pa-
rafuso maior, como que
faz compra assim mesmo?

— não deu tempo de
chamar o médico?

quero dizer these agitation you understant?
these oh yes it's wonderful!

— olhei também...
Olhei... tá... então...
tá... tá certo... tá...
tá bom... então fica as-
sim... tá... telogo

— mas deviam ter me
falado... é minha
mulher...

alá alá ela Maria! corre Maria! — não te falei pra não afobar que ela chegava? — olha a hora olha a hora vamos depressa corre o ônibus já está pondo as malas Betinha dá a mão pro paizinho então até a volta — boa viagem — muito obrigado

por tudo — lembranças ao pessoal — depressa corre — mamãe olha ali o homem chorando

— alô? é da casa do Ferreira?

— não... sei... não, não tem importância, quê que tem importância agora, Moura... eu sei, mas depois disso... não, não precisam se preocupar... é claro, mas como você queria que eu... hem?...

BEBE COCA-COLA E VIVA FELIZ

passageiros no horário das dezessete e quinze com destino a São José do Rio Preto confirmam suas passagens e boa viagem!

ali no fundo; é, logo ali na frente

— não, só de passagem, estamos indo para a nossa lua de mel... felicíssimos!... hem? como? fale mais alto, estou telefonando da rodoviária e aqui faz um barulho danado

FUGA

João Bosco Araújo Moreira

Então compreendi como os homens são demasiado ridículos para merecerem ser levados a sério. E resolvi abolir minhas antigas ilusões, simplificando minha vida em uma penúltima ilusão. Como um europeu, de boné e sorriso calmo, vou aposentar meus antigos sonhos em um chalé de madeira rústica que irei construir, minha penúltima ilusão.

Será uma casa baixa, revestida de madeira, a minha casa. Dessas com altura suficiente para comportar bastante janelas e suficientemente baixa para não perder seu ar acolhedor. Ela será revestida de madeira porque não há nada de tão acolhedor quanto a madeira e quero muitas janelas, muitas e largas, porque janelas fazem bem à gente, principalmente as janelas que apontam para o sul. Em cada uma haverá um prego de pendurar a gaiola de meu pintagol, porque êle é minha distração de sempre, sempre que a tarde é de neblina.

Quando a casa ficar pronta, comprarei uma mobília rústica e pendurarei armas na parede, apesar de nunca haver passado de um pretensioso caçador de codornas. É lógico que não haverá troféus na parede, nem peles, nem nada que lembre heroísmo chamuscado a pólvora, mas algumas armas, combinadas às flâmulas e ao verniz, fazem as melhores paredes de que eu gosto.

Estando tudo em ordem e as promissórias em dia, anunciarei no jornal: "Precisa-se de uma boa cozinheira; se não fôr boa, que seja ao menos razoavelmente humana". E ficarei esperando a cozinheira aparecer. Se chegar dessas mulheres de ves-

tido justo, decote e bôca espalhafatosa de batom, rirei na cara dela e apesar de minha risada ser cheia de compreensão, ela ficará zangada e irá embora. Então empregarei uma preta-velha que cozinha, lava, passa, conserta meias e gosta de criança. E nas noites chuvosas de largo serão, ela me contará histórias de lobisomem, contará histórias consertando meias, e eu duvidarei das histórias mas acreditarei na preta-velha. E serei seu amigo se ela souber fazer coxinha, moela e coração de galinha, e língua de boi e peixe frito sem espinho. Se ela souber, então, fazer gelatina, se ela não ligar que eu pegue carne com as mãos e depois limpe na toalha, se não xingar quando ponho o dedo no nariz ou quando me der vontade de comer uma melancia inteira ou quando eu comprar uma revista pornográfica, aí sim, serei mesmo camarada com ela e acharei que ela, de fato, é uma cozinheira humana.

Escolherei a sala mais silenciosa para colocar minha estante e minha mesa, e para que a sala tenha paz, queimarei meus livros de filosofia, de gramática, de física, de química, de economia, de direito, e farei uma estante só de livros que me ensinem a viver, não importa como, deixando os outros viverem. E quebrarei meus discos, exceto uns poucos e bons que eu compreendo, embora não me satisfaçam completamente e, até, às vezes, me deixem triste. Será no silêncio e na paz desta sala que formularei minha almejada mensagem, procurando que ela seja um pouco mais profunda que a natural vontade de viver, uma mensagem que eu traga sempre comigo, como se fizesse parte de mim.

Minha penúltima ilusão é a de que minha vida será simples como meus passeios de barco, e remarei e nadarei até ficar cansado, quando passear de barco. E andarei a cavalo sem ter rumo certo, respirando cheiro de planta, suor de cavalo e cheiro de terra. Quero ser tão simples, de uma simplicidade tão natural, que aceite tudo como deve ser, sem perguntar nada, nem procurar entender nada, contando que seja natural. As luzes da cidade brilharão à noite lá embaixo, mas não sentirei angústia, porque sei que as luzes da cidade são artificiais e muito frias. Tôda noite de lua acenderei uma fogueira e a noite ficará

bonita, assim clara de fogueira e clara de lua. E assoviarei um assovio que não conheço, e conversarei à beira do fogo e tocaria violão, se soubesse tocar violão.

Meu destino é meu chalé revestido de madeira, assim como acontece haver destino em muito copo de mesa qualquer, em muita pílula de soporífero, em muito jôgo de carteados, em muita pensão familiar. E fico cheio de alegria interior só em antecipar o meu destino, porque êle me promete algo de definitivo, espantando um pouco do teticismo da gente. Vai ser bom quando eu voltar da praia, quando eu chegar das minhas longas viagens que nunca fiz, e minha casa me receber de braços abertos, de portas abertas, de janelas abertas, e já terei esquecido minhas saudades do distante, minha nostalgia do mar.

Quando sentir vontade, escreverei também, escreverei tudo o que pensar e achar que vale a pena escrever. Escreverei simplesmente e mais nada, sem preocupações ou outra intenção senão escrever, e meu espírito correrá na ponta do lápis. Quem sabe, talvez um dia eu chegue até a ser um grande escritor, dêsses de óculos grosso e roupão grosso, só que eu não usarei óculos grosso nem roupão grosso, mas serei eu mesmo, com minha mensagem.

Minha vida será assim e nada haverá de tão simples, tão gostoso e fácil de viver, como minha vida e minha casa revestida de madeira. Principalmente quando o mundo desiludi-la também, e ela vier dizer-me que eu é que tinha razão. Então brincarei de ensiná-la a viver assim como se deve viver vida plena, a vida absoluta, tudo sem mentira, sem malícia, sem egoísmo, sem premeditação, como se fôsse um abraço de despedida.

Será uma casa baixa revestida de madeira, a minha casa. Terá uma cêrca trançada, um telhado vermelho com uma chaminé de pedra, e tijolos à mostra, caiados de branco. Haverá um cão de guarda, um gramado com uma caixa de cartas perto do portão, um varal da preta-velha estender roupa em manhã de ventania, e haverá um ipê no jardim. Ela corrigirá os originais de meu livro, eu olharei pela janela e ouvirei o pintagol. Todo mundo será feliz, ninguém temerá a noite, mesmo sem entender porque a tarde é de neblina.

DO DIÁRIO DE UM PEQUENO BURGUÊS

Luís Gonzaga Vieira

1963

Vontade de escrever alguma coisa que não seja alguma coisa. E essa tristeza esquisita de não estar satisfeito com nada, pensar que a única consolação do gesto é estar o gesto feito. Uma situação primária que englobasse tôdas as necessidades do homem e do animal, onde nada houvesse de reprimido e fôsse simples. A tristeza vem do instante, o que foi feito, o que se vai fazer, êste momento entre uma coisa e outra. A consolação de que o momento não passa de momento e é transição, e o modo como a pessoa olha o instante, o instante feito de tôda a história do mundo até êle e a história de um futuro quase improvável, sendo o instante assim, a pessoa que pensa sente vive, e a possibilidade estranha de realizar alguma coisa.

—::—

Um homem é insubstituível, mas ninguém faz falta.

—::—

A gente sabe que não vale a pena, no entanto faz tudo como se valesse. Aquêlê desejo que só se explica pela abstinência e que fica absurdo depois de saciado. Um corpo de

mulher que é lindo quando está vestido e que perde todo o encanto quando se revela.

—::—

E o mar que é azul, mas o mar não é azul, o mar é espelho, o céu é que é azul, e mesmo o céu não é azul, a gente é que chama o céu de azul porque a gente vê assim. Mas a gente não pode definir uma coisa com os olhos, porque as coisas não são o que os olhos vêem.

—::—

As coisas mortas são lindas. As coisas que escrevo serão lindas, se forem póstumias.

—::—

Uma coisa boa para um indivíduo nem sempre é aconselhável para um grupo de indivíduos. Mesmo assim, um grupo de indivíduos está sempre disposto a ditar normas para um indivíduo isolado.

—::—

Não se chama uma pessoa de inteligente, há outros modos de insultar uma pessoa!

—::—

Coleciono angústia como quem fabrica flôres artificiais.

—::—

Há muita coisa bonita na vida, a gente é que não sabe ver. Pelo menos êste é um pensamento de instante, o mais reduzido instante possível. A tarde, por exemplo, lá entre cinco e seis horas, tôda aquela tranqüilidade, isso tudo que é belo sem fazer alarde e que fica mais bonito por ser simples. A única tristeza que a tarde oferece é o irremediável, uma coisa que a gente olha, ama e depois passa. Muito bom poder

passar a tarde assim, como um condenado que se despede. A gente fica alegre, um modo meio triste de ficar alegre.

—::—

Dormir profundamente para esquecer profundamente.

1964

Amor é coisa estúpida quando o homem feio ama a mulher feia, porque isso é um atentado contra a estética. Se a mulher e o homem são lindos, ainda passa. Mesmo assim a estupidez do amor permanece, falo agora em estupidez do corpo, a entrega de um corpo a outro, entrega necessária mas estúpida. E isso que chamados “amor de espírito”, a convivência com a mulher, as idéias, o apoio “moral”, a fuga da solidão, tôdas essas coisas. Amor é estúpido porque sou orgulhoso e tenho vaidade imensa, a estupidez está em mim e não está no amor. Porque amor não se define, o orgulho é que define o amor. Ou então, o egoísmo.

Não amo você, mas você existe e me provoca um sentimento, e êste sentimento é que eu amo, eu amo meu amor por você mais do que amo você (exatamente como queria Clarice Lispector) ou talvez ame unicamente o meu amor e não ame mais nada.

—::—

Quando bebo, tôdas as pessoas ficam amigas e tôdas as mulheres ficam lindas. E eu não tenho rosto quando bebo, apenas uma angústia de risos, movimentos, alegria ou chôro. Porque minha alegria na bebida é uma angústia desgraçada, como se a bebida avivasse o sentimento de angústia e tristeza dentro de mim.

—::—

Estava escrito: “Quem lê, tem os olhos abertos”. Leio muito. Mas de que me adianta ter os olhos abertos? Olhos abertos para quem? para quê? São pensamentos que tenho

nas minhas horas de pessimismo e depressão, ou aquilo que os amigos chamam (com encantadora ironia) de “crises filosóficas”.

—::—

Quando escrevo, quando leio, quando compro livros, quando estudo, penso em Sísifo. Tudo é absurdo, mas nem por isso vou ficar com os braços cruzados. É absurdo não ficar com os braços cruzados, é absurdo ficar com os braços cruzados. Absurdo não é coerência porque coerência é absurdo. O absurdo começa com essas palavras: “não obstante”. Mas absurdo não começa, seria absurdo. E se existe absurdo, não há uma coerência existencial, porque existência é tudo o que há de coerente. Porque coerência é absurdo (como foi dito) e existência é absurdo. Assim como o todo que é coerente, embora as partes dêsse todo não o sejam. (É evidente que, no final, tudo se reduz ao absurdo). A linguagem comum é a existência e não, as palavras. Em última análise, existência é amor. (E amor é absurdo). Mas, se falo em amor, é porque os homens se matam, sempre se mataram. Porque, se amo, não falo. Amor não precisa de palavras para ser, embora use palavras para ludibriar. E se abuso de palavras, é porque há deficiência.

—::—

Uma das “qualidades” do animal que raciocina é chamar a atenção dos semelhantes para si mesmo, saber que eu existo porque os outros me observam.

—::—

Fora de Belo Horizonte não há salvação, quero dizer com isso que amo profundamente minha terra, quero dizer que a salvação está no amor e em Belo Horizonte. Estou alegre, até onde é possível uma pessoa triste estar alegre e só.

—::—

Não gosto de impor minha presença aos outros nem gosto que os outros me imponham a presença dêles.

—::—

A mulher não merece que eu me preocupe com ela, nem eu mereço que mulher alguma se preocupe comigo. Isto pode ser uma desculpa para o meu isolamento.

—::—

O vento está em tôda parte (quando venta) e eu sinto o vento mas não posso apontá-lo, sei que êle me acaricia e que meus ouvidos são instrumentos para fazê-lo cantar. O vento me toca e eu não posso tocar o vento, não posso raciociná-lo. Digo que o vento existe porque há meu corpo para garanti-lo. Mulher-vento.

—::—

Não se preocupe, meu amigo, pois há sempre um imbecil qualquer para elogiar o que você escreve!

—::—

E eis a grande descoberta: eu sou eu (os outros são os outros). Demorou 24 anos, mas valeu a pena. Ou não valeu. Não sei.

—::—

E saiba duma coisa, meu filho: Deus está sempre do lado de quem vence!

—::—

Em teoria escolhemos o amor, mas na prática escolhemos a Bomba.

—::—

Dispor de uma vida como quem dispõe de uma semente.

—::—

Pressenti, no edifício em construção, um tijolo que caiu na cabeça da menina. Poucos passos antes, e o tijolo teria caído em cima de mim. Os olhos da menina choravam sangue.

—::—

Sou livre para concordar com aquêles que me escravizam. Sou livre para escolher entre a fôrça e o fuzilamento.

—::—

Para haver amor é preciso geralmente que haja dois braços, duas pernas, dois olhos e os outros acessórios. Não se ama a qualidade moral de uma pessoa, assim, sem mais nem menos. É preciso que a qualidade moral seja sustentada por braços, pernas, dois olhos e outros acessórios. Como aquêlê sujeito que pediu a mão da môça em casamento, e a môça era aleijada.

—::—

Repito: uma pessoa só tem valor porque é frágil. Como um copo de cristal que merece todo cuidado.

—::—

Ninguém pode fazer nada por ninguém. Todo esforço é, no fundo, uma inutilidade. Só eu posso fazer alguma coisa por mim, ninguém mais, ninguém. Eu posso fazer tudo por mim, só eu. A amizade dos amigos é uma encenação. O amor das mulheres é uma encenação. Só eu posso utilizar a encenação dos outros, e ninguém pode me ajudar, ninguém. Estou mais isolado do que um pensamento nunca proferido. Minha mãe absolutamente não convive com as minhas idéias, no entanto ela chama isso de amor. Como se eu estivesse gritando gritando, e apenas com meu grito por companhia. E ninguém entende, não é possível que alguém entenda, ninguém pode fazer nada.

—::—

Sei que os outros existem, parece que sou o vazio entre êles. Tôdas as pessoas me rodeiam, e eu sou o espaço vazio que elas formam. Um corredor só tem sentido se há paredes, sou espécie de corredor vazio entre paredes escuras. Ouço vozes de pessoas como bruma que me envolvesse, e sinto que sou apenas um ente de razão, sou uma coisa que os outros raciocinam. As pessoas não me vêem pròpriamente, elas calculam a possível distância entre as outras pessoas, e eu sou essa distância entre uma pessoa e outra. Não adianta querer que o dia de hoje passe depressa, porque amanhã tudo será repetido. Sou repetição, naufrágio, revolta. Tudo, menos eu.

—::—

Eu me suporto satisfatòriamente.

—::—

Amanhã é outro dia. A imortalidade é hoje.

A verdade, a grande verdade é que não me interesso por nada, mesmo por aquelas coisas e pessoas por quem presumo interessar-me. Nada me importa realmente, nem a vida das pessoas nem o que acontece com elas. A única coisa que me interessa é olhar as pessoas e as coisas e a natureza, olhar a tarde e pensar que a vida é o instantâneo de uma tarde e mais nada. As pessoas sofrem, pois que sofram. Os ricos são ricos, pois que sejam ricos. E que todos sejam bem-aventurados, para maior estupidez do mundo. Porque não há solução possível.

1965

Já foi dito: o que faz com que um espelho seja espelho é a gente colocar-se diante dêle, porque espelho é uma coisa que reflete.

—::—

Somos todos filhos do mesmo Deus. Se eu me casasse com uma das filhas de Deus, cometeria incesto!

—::—

Nada mais natural que eu ame a meu próximo como a mim mesmo, pois eu sou o meu mais próximo. Só que meus braços não servem para abraçar o meu corpo (eu sou insuficiente), de forma que transfiro o meu abraço para a pessoa menos distante. Sou, como tôdas as pessoas sinceras, um sujeito terrivelmente honesto!

—::—

Minha irmã veio me dizer que o cantor americano morreu de câncer. Algum dia êles dirão: o Luís morreu. Quando eu morrer, alguns ficarão tristes, possivelmente outros ficarão alegres, a maioria ficará indiferente. E o mundo será o mesmo.

—::—

Você se movimenta para ter a ilusão de que houve um caminho percorrido.

—::—

A gente olha para os animais e pensa: êles são irracionais. E os animais parecem dizer-nos: êles não sabem o que fazer da razão.

—::—

Um colega de Banco, casado, sofredor e pinguço, disse que conhece os dois lados da vida: o mau e o péssimo.

—::—

Hoje à noite é o primeiro aniversário de minha sobrinha, e eu pretendo oferecer o espetáculo de mim mesmo para os parentes e amigos. Irei acompanhado de três grandes homens: Mussorgsky, Ravel e Lawrence Durrell. Tenho dívidas e não tenho dinheiro para pagar as dívidas, então ligo a radiola bem alto. Eu não cheguei a ser homem, sou um papel carbono disfarçado em gente, não tive coragem de dispor da minha vida. Que o mundo exploda, mas que eu viva e que não tenha medo de sofrer as conseqüências do meu gesto.

—::—

Eu tenho esperanças. E daí?

—:—

Amor é um gesto muito raro. Mas eles pensam que, casando, é porque houve amor. Amor é mais do que contato de epidermes e mais do que vontade de procriar. Amor é o desespero do último gesto (sem literatura) e a coragem de cometer um gesto desses. Amor não é segurança, mas equilíbrio. E sexo não é amor, é iniciação. Os filhos podem garantir o casamento, mas não garantem o amor. Amor são dois ângulos que não formam qualquer figura geométrica, mas que se subentendem. Egoísmo equilibrado pela razão. Com o tempo há o desgaste, e uma profunda amizade substituirá o amor.

—:—

Barba crescida e cabelos desarrumados, a tristeza aperta o peito e dá um negócio na garganta, os olhos sonolentos de melancolia. Providencio os trabalhos de aula e chego em casa: o cobrador veio te procurar aqui e disse que ia lá no Banco. Sapatos sujos de poeira, camisa fedendo. Fumar pouco para gastar menos. Amanhã é feriado e eu queria sumir, porque não tenho coragem para suicídio. Conjugo o coração com a garganta, as mãos tremem, escrevo outra merda, e compro "O Som e a Fúria" de Faulkner. Ficar parado, como se nada tivesse acontecido antes e nada fôsse acontecer depois, agora, dêsse jeito de agora. Mas *tudo* me espera lá na cidade e eu caminho apodrecido, sem que ninguém desconfie. A cabeça dói, os olhos coçam. Amanhã é um modo de consolar-me, minha barriga roncando de fome. FIZERAM COM QUE EU NASCESSE.

—:—

Hoje você tem 29 anos e muita melancolia. Os homens estão sofrendo e as mulheres parindo. Dor de cabeça e dor de tristeza. Um dia como qualquer outro. Ser isto ou aquilo, fazer isto ou aquilo. Como se eu caminhasse no lodo e os movimentos só servissem para me afundar. Pensamento e ação. Eu "devo" ser o que penso-faço. Recebo cumprimentos bêstas

e agradeço a besteira. Tortura de pensar o que a gente pensa e viver como a gente vive. Alguns anos-luz entre mim e o resto do mundo. Faz frio.

—::—

Maura Lopes Cançado fala sôbre a santidade da loucura, que a eternidade é a loucura. Penso em morte o mais estôicamente possível, mas cheiro morte dentro do meu corpo. A vaidade atrapalha meu suicídio. Resolver isto ou aquilo, para depois morrer. Procurar amor, pedir amor, e ver os dias passando sempre do mesmo jeito. O desejo é mais rico que a realização.

—::—

A voz do locutor ressoa de noite com tristeza. Penso em certas ruas de Ouro Fino e Pouso Alegre, familiares porque vistas demais. Penso agora nas ruas de Belo Horizonte, ruas de uns bairros que me lembram cidades de interior. A entonação da voz do locutor dá melancolia porque soa triste. Essa vontade de confirmar a ternura dos homens e das coisas, mas reconhecer (nos fatos) que os homens se bombardeiam e se devoram. A Bomba Atômica é o nosso símbolo de amor, um amor horrivelmente civilizado. Todos falam em paz, como se paz fôsse uma entidade abstrata demais para ser conseguida. Anos e anos de vida humana sôbre a Terra, e isso nada significa diante do Tempo. Então os homens se refugiam na Eternidade, como cachorro medroso que enfia o rabo embaixo das pernas. Saber que o mundo é isto que vemos e sorrir com tristeza, por falta de gestos. Diz o mestre Millôr Fernandes: "Nossos corpos não foram feitos para a ambição de nossas almas". Título do filme francês que eu não assisti: "Une si longue absence!"

—::—

Tê falou em lugar comum. Mas que maior lugar comum do que a monotonia das coisas se repetindo? Lugar comum ou não, tudo dói do mesmo jeito.

—::—

Casamento não é impossível, é improvável.

—:—

Vazio no estômago e na cabeça, não sei explicar. Tudo isso de agora, falta de uma porção de coisas. Viver a vida, com dinheiro ou sem dinheiro. Coragem, meu amigo, coragem. Mais um passo, o abismo te espera, saiba fazer da queda um compasso de dança. Ninguém pode te entender, meu amigo, não é possível, você só pode contar com você mesmo e com a tua solidão. Não é agradável, mas é assim mesmo. Estou de férias, e isso já é alguma coisa.

—:—

O homem é eterno enquanto vive.

—:—

Cada homem tem o Deus que merece!

—:—

Sabia que, colocando algumas palavras no papel, as palavras implicavam uma porção de outras coisas e não era apenas acumular páginas, como fôra o costume dêle. Nem pensava procurar editor para as coisas que escrevia, porque êle não tinha nome nem era conhecido nem sabia das palavras que rabiscava. Ousado era o modo de êle viver todo dia, sem perspectivas. Sentado na mesinha lá dentro do quarto vermelho, ruminava como boi no campo mas sem a inconsciência do boi. Os dias se acumulavam dentro do quarto e principalmente na cidade de cimento. Os amigos eram introvertidos, como acontece com escritores e novatos, e justificavam a própria introversão. O mundo era uma bola implicada demais, precisava um pouco de paz de espírito para abranger o mundo. Discutiam sôbre autores e livros, mesmo sem qualquer vivência. Então um autor sofre palavras uma vida tôda e o primeiro escritorzinho de província diz que fulano é cretino e que não devia fazer isto ou aquilo. Eu é que sei o que devo fazer. Os críticos,

por melhores que sejam, são apenas críticos. Os críticos têm visão de críticos e não têm visão de autores, há uma delimitação que eles não reconhecem.

O poeta pega os discos e a radiola portátil e, antes, bebe uma garrafa de cerveja. Os três caminham na rua escura de Santo Antônio, os dois escritores que engatinham não nos telhados mas no asfalto mesmo. Todos são sinceros e todos sabem que não se faz nada com sinceridade. Henry, Luiz e Luís. A menina do Afonso Ávila fazia anos, Laís e Afonso ganharam prêmios da Prefeitura, comemoravam o aniversário da filha e o prêmio. A casa cheia de estantes, de livros e de palavras bem boladas ou, pelo menos, discutidas. Depois das dez horas, as crianças ficaram com os olhos vermelhos de sono, Henry levou a menina dêle pra casa, e os marmanjos bebiam e fumavam, porque todo homem bebe e fuma. Rui de Brasília e a mulher de Rui, mulher reclamando os ossos do corpo por ser magra e vestida de prêto. Laís rindo nos óculos míopes, como sempre. Wanda, com seu lado humano e ganhando livros de presente. Myrtes, que lançara nôvo ou primeiro livro "Tempo de Fiar", mas eu não me fio nêle embora o elogio dos autores que gostam de elogios. Minha crítica pouco valeria, porque não sou autor consagrado, certamente ela acharia graça na minha crítica e não me levaria a sério. A bandeja de salgadinhos e de cerveja e de vódica e de uísque, as músicas de bossa-nova e velha, a nona de Beethoven. Elmo, Márcio Sampaio, todos implicados com palavras, poetas e escritores. Eu disse para o Afonso e para a Laís que mandaria a minha novela pra eles, que eles criticassem o meu troço que eu chamo de novela por causa do tamanho, mas que ainda não acabei de passar a limpo.

Uma simples coisa que a gente escreve tem implicações. Por que se escreve, pra que se escreve, como se escreve, pra que tanto esforço a trôco de praticamente nada. As pessoas na sala conversavam como escritores, todos êles haviam publicado alguma coisa em algum lugar, e todos êles levavam a sério a brincadeira. Eu pensava publicar as minhas coisas para sentir o meu nome na carcassa dos outros, pra receber elogios, pra ver as críticas, ler as cartas dos fanáticos e dos tarados,

e principalmente das mocinhas românticas, e também dos literatos engajados no papel mas alienados na vida. Fazia-se questão de escrever uma literatura participante, embora a vida do sujeito fôsse uma alienação nojenta. Participação era mais coisa de papel e de livros do que de existência, não havia relação entre a vida do escritor e a literatura que êle fazia.

Ceguei em casa às três da madrugada.

1966

Eu sou meu juiz e absolvo-me de todos os pecados.

—::—

Eu só frequênto as pessoas que me frequêntam. (Sartre? Não, sou eu mesmo).

—::—

Feia, manca e empregada doméstica. Minha irmã mudou pra Viçosa e ela ficou sem emprêgo e sem casa pra morar. Pediu pra dormir em casa até arranjar outro emprêgo. Não tem família, e as freiras não tinham mais lugar lá no Educandário. Não tem onde cair morta, não tem ninguém e, mesmo em minha casa, é como se ela não existisse.

—::—

O conceito não é unívoco, a realidade é "unívoca". Mas, para dizer a realidade, apelamos para o conceito. Então o conceito distorce a realidade.

—::—

O mundo não é inteligível? ou só é inteligível até certo ponto? De um modo ou de outro podemos ocupar-nos do homem, como queria Camus.

—::—

Imortalidade é um estado psicológico.

—::—

O homem tem sido concebido à imagem e semelhança das idéias.

—::—

Deus é uma contradição das teorias lógicas, um esforço para estabelecer um princípio — ilógico.

—::—

Morente fala na filosofia pueril, que é perceber e sentir por tôda parte, admirar-se de tudo, essa insaciável curiosidade! Fala na clássica humildade de Sto. Tomás, o que é engraçado. Pois, como é que um padre não teria essa clássica humildade de aceitar as Revelação? Como padre, é forçoso recebê-la. “Submeter a razão às exigências do objeto” — mas não há supremacia da razão! Morente fala na filosofia de Sto. Tomás como filosofia sem preconceitos, mas fala na *autoridade* da ciência teológica, sendo que autoridade já é um pré-conceito. Se o raciocínio filosófico refuta um artigo de fé, o raciocínio está errado: isto é o que Morente chama de filosofia *aberta*. E ainda fala na *mútua independência* entre razão e fé!

—::—

Ela gosta do que eu penso, não do que eu sou. Ela vive em função de mim e não vive em função da vida dela. Ela é o que eu quero, não é ela. Ela se acomoda, e eu detesto espíritos acomodados. Entre nós dois há afinidades, mas não há amor. Ela “sofre” a sociedade e a educação que recebeu, e não cria coisas por ela mesma. A vida dela é quase que uma “aurea mediocritas” — e os espíritos mornos me causam vômito. Eu acredito na completa igualdade e independência entre homens e mulheres, mas ela não tem coragem de dispor da própria vida. Eu quero mulher e não quero fantoche, mas a tendência dela é mais para fantoche. Ela precisa de muito esforço para ser mulher, porque o mundo dos machos bitolou a capacidade da mulher. Então eu encontro nela uma cortesã ocasional, em vez de encontrar uma companheira.

—::—

O absoluto é uma derivação da contingência, ou por outra, o absoluto está dentro da contingência e não ultrapassa a contingência, quer dizer, o absoluto é um aspecto da contingência.

—::—

O corpo não é aquilo que a alma esperava! (e vice-versa).

—::—

Tôda guerra é um maniqueísmo. (Sartre)

—::—

A môça é linda no vídeo. Antes das 6 horas da tarde ela aparece, as crianças gritam e gesticulam ao redor dela, a môça pergunta o nome da menina e passa desenhos animados feitos na Matriz (USA). Os olhos parecem esverdeados, verde escuro. Acaricia os meninos, canta parabéns-pra-você, e fala como se não estivesse na frente da câmara. Os meninos são pequenos e não acreditam na beleza da môça, mas a môça acredita nos meninos. O gesto da mão separa os cabelos caindo na testa, como se acariciasse o próprio rosto. Os lábios sempre rindo, os dentes compunham melhor o rosto. As pernas mais finas que grossas, magra e simpática, o rosto ameaçando um buraquinho que não apareceu. O colar deslisava no pescoço, com indiferença, porque a môça é que enfeitava o colar, que coloria o vestido. O sorriso dela era beijo pra meninos grandes. E o menino grande sonhava com a môça no vídeo, não porque estivesse apaixonado mas porque êle era um poeta que se espantava diante da beleza da môça. Sonhava com ela não para possui-la mas para extasiar-se, como quem fica lírico vendo a tarde. A môça fica sentada, a mesinha com papéis brancos, e a televisão registrando môça e meninos. Ela diz, para o menino grande, que é engraçado trabalhar na televisão, que ela vai embora depois do programa, janta, e depois vai namorar um pouco. Quando ela passa, êles sabem que ela trabalha na televisão, e ela continua rindo pro namorado, e o namorado sabe que ela gosta de crianças. Sem tristeza, o menino grande vê

a môça, e a môça jamais poderá ver o menino grande na poltrona, sem dinheiro, sem emprêgo, sem disposição, e esperando a empregada pôr a comida na mesa. A môça tem a vida dela e o menino grande sabe disso. Mas o menino grande também tem a vida dêle e a môça não sabe nem é provável que venha saber. O que importa na môça da tevê de brinquedo é ela aparecer, desaparecer, extasiar o menino, fazê-lo sonhar, assim como a tarde sonha com a noite. O rosto da môça está no vídeo, e o menino grande tem apenas dois olhos para ver a imagem dela. Porque a môça é sòmente a imagem dela, e o menino grande não pode amar uma imagem, não pode tocar na imagem, só pode imaginá-la. O menino grande aperta o botãozinho da televisão e a môça desaparece. Êle senta na mesa, janta, lê um pouco, depois dorme. No outro dia, às 6 horas da manhã, a mãe acorda o menino grande e êle vai estudar. Encontra môças na Faculdade, conversa com elas, pensa em amor, e continua sonhando com imagens. Êle é um menino de 30 anos, como se a cidade fôsse um território desconhecido.

—::—

Minha mãe me deu o que há de bom na família, mas também me encharcou com tudo o que há de mal.

“Hoje sei muito bem que nada na vida repugna tanto ao homem do que seguir pelo caminho que o conduz a si mesmo”.

—::—

Viver em contradição talvez seja a única coerência possível.

!—::—

O sujeito pode escrever uma coisa ousada, mas que não seja tão ousada a ponto de espantar os mediocres. O que se escreve com muita ousadia só é aprovado muitos e muitos anos depois. Veja-se, por exemplo, o caso de “Ulisses”, de Joyce, ou “O Amante de Lady Chatterley”, ou “Trópico do Câncer” e outros. Agora, quando o sujeito é ousado mas não muito, então é fácil ser aprovado, porque não constringe nin-

guém e porque não ameaça o lugar de ninguém. E, quando o sujeito é tradicional, então engole-se aquilo sem nenhum constrangimento. Em qualquer sentido a obra pode ser válida, mas falamos aqui de ousadia (na forma interior e exterior), e ousadia é um fato que ultrapassa essa tradição morna que faz a gente vomitar. E principalmente, ninguém quer ter o trabalho de pensar, ninguém quer construir a obra junto com o autor, querem a coisa já feita, mastigada, digerida.

—::—

É engraçado ver uma criança andar pela primeira vez. Ela desconfia que pode andar sòzinha, então se equilibra pela sala. À medida que cresce, ela continua se equilibrando pela vida. Depois perde o equilíbrio e morre, como todo mundo.

—::—

Falo de liberdade quando há propaganda subliminar.

—::—

Tenho uma verdadeira antipatia por honestidade mas, como tenho sido burguês, convivo com ela.

—::—

A compreensão que tenho da tristeza me põe alegre (a compreensão que tenho da alegria me põe triste).

—::—

Que se quer de um touro senão que reproduza? Então, meus amigos, multiplicai-vos!

—::—

Não há lugar no mundo.

ENSAIOS

101111

A POESIA DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS

— ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO —

ELEONORA FERNANDES RENNO

3º Ano — JORNALISMO — FAFI

MENÇÃO HONROSA

no

**PRÊMIO ESSO DE LITERATURA
PARA UNIVERSITARIOS EM 1966**

"De fato, pode dizer-se de qualquer verdadeiro poeta que a vida inteira êle desenvolverá um tema único, que é seu próprio, e que se confunde com a sua natureza e o seu entendimento pessoal das coisas humanas.

"Esse tema sofrerá um sem-número de variações, e, exposto sob formas diferentes, parecerá diverso, tão diverso quanto os sucessivos objetos a que se aplique a visão poética do autor. Tais objetos, é sabido, não interessam em si, senão pelo fundo de valores poéticos jacentes que façam subir à tona dos versos, ou como ponto de referência para a meditação poética que o autor tentará infundavelmente, embora a saiba sincopada, fugitiva, descontínua, evanescente e, quase sempre, irredutível ao vocábulo."

Carlos Drummond de Andrade, JOAQUIM CARDOZO, in *Passeios na Ilha*.

Alphonsus de Guimaraens "a vida inteira" desenvolveu "um tema único", que se confundiu "com a sua natureza" — a morte. Temeu-a, adorou-a, desejou-a. A morte enformou "o seu entendimento pessoal das coisas humanas", transfigurando suas concepções da vida para marcar sua obra poética.

Entre os que escreveram a seu respeito, Nilo Bruzzi chamou-o "o poeta da morte", e Mário Matos ocupou-se do "mito do amor e da morte nos poemas de Alphonsus".

A obsessão da morte deu ao grande lírico uma dimensão nova até ao seu sentimento romântico. Vive à noite, seu pássaro é o rouxinol, seu centro vital, cósmico, a Lua e não o Sol, que dá *vida*. Seu canto é o responso fúnebre, sua flor, o goivo triste, sua árvore, o cipreste, seu leite, o túmulo, sua oração, a "Dies Irae", sua Antífona, o "Memento, homo". Não fala do mar, mas dos lagos. Para êle, a mortalha se confunde com a veste de noivado, pois só pela morte realizaria seus esponsais com a amada, na plenitude do amor puro, destruídos os corpos.

Vêem alguns essas constantes na obra do Poeta como consequência da perda de sua primeira amada. Mas poderemos atribuir ao fato contingente o surgimento de um Poeta? Ou existiria o Poeta, o introspectivo sensível, que buscou na realidade o pretexto? Assim, a figura de Constança não interessa *objetivamente*. A morte da namorada adolescente não teria marcado a alma de qualquer jovem como marcou a de Alphonsus, advertido por suas características individuais, espirituais e psicológicas: um tristonho e melancólico solitário: a sensibilidade em potência, à espera da revelação propiciada por essa morte, tomada, então, como um dos "sucessivos objetos a que se aplique a visão poética do autor. Tais objetos, é sabido, não interessam em si, senão pelo fundo de valores poéticos jacentes que façam dubir à tona dos versos, ou como ponto de referência para a meditação poética que o autor tentará infundavelmente", como pensa Drummond, no texto transcrito, epígrafe deste prefácio e orientação deste trabalho.

Ainda podemos dizer que a morte de Constança, calhou para Alphonsus: veio em momento oportuno ferir a alma sensível e o temperamento místico do, já então, *Poeta*. Henriqueta Lisboa, in *Alphonsus de Guimarães*, fala da "impressão causada pela morte da noiva" como *uma das circunstâncias que o induziram "a um caminho que realmente deveria ser o seu, pois, conservando a originalidade imanente ao artista, valorizou os influxos exteriores, não adaptando-se, mas adaptando-os ao próprio temperamento, numa coincidência felicíssima."* (Grifos nossos). A perda de Constança seria, então, "a graça de Deus que veio na frente", a graça que se antecipa aos acontecimentos através de um pequeno fato, fazendo parecer que tudo o que a êste sucedeu, dêle decorre. Mas é o "Fiat" que se responde à graça, a verdadeira origem de tudo. (Tema de Paul Claudel in *L'Annonce faite à Marie*).

Por isso é que se modifica a atitude do Poeta ante a morte. "Esse tema sofrerá um sem-número de variações, e, exposto sob formas diferentes, parecerá diverso", segundo Drummond. Então, através de toda a obra de Alphonsus encontraremos diferentes maneiras de êle encarar a morte. Como se a morte fôsse um caleidoscópio que, sempre

em sua mão, o fizesse ver de formas várias as mesmas pequenas peças de que se compõe a vida.

É a morte para Alphonsus aquêlê "ponto de referência para a meditação poética que o autor tentará infindavelmente", no dizer de Drummond, que continua: . . . "embora a saiba sincopada, fugitiva, descontínua, evanescente e, quase sempre, irreduzível ao vocábulo." Isto Alphonsus superou com o simbolismo, pois, "para Bergson, o claríssimo filósofo, o símbolo se origina da necessidade de *exprimir o inefável*. O símbolo, só êle, pode dar forma aos anseios obscuros, às percepções indistintas dos sentidos mórbidos e extremos." (Antônio de Pádua, *in A Margem do Estilo de Cruz e Sousa*, Rio, 1941, pag. 19).

As diferentes tomadas de posição ante o tema *morte* agrupam-se, na obra de Alphonsus de Guimaraens, e vão constituir quatro fases definidas na evolução de sua "meditação poética", sucedendo-se numa seqüência perfeita que acompanha o transcurso natural da vida e o amadurecimento espiritual do Poeta.

— :: —

"O Brasil, terra lírica e ardente, impossibilitado ainda de viver em plenitude, sonhando sonhos desmesurados como a extensão de suas terras," . . . "o Brasil, resignado e crente pela herança da Cruz, à cuja sombra se deixou ficar desde o dia do seu descobrimento," . . . "o Brasil inquietamente místico, ingênuamente bárbaro, quer dizer indefinido, foi um campo propício à floração espiritual da poesia simbólica, aberta a tôdas as perspectivas. O momento era de ideologias novas. Vinho embriagante que efervescia em tôdas as taças, a República fazia sonhar, num delírio multiforme. O Parnasianismo atingira o apogeu da afetação, do preconceito, da ordem estabelecida."

"Ao mesmo impulso da liberdade política, a liberdade artística fremiu então como uma tempestade cósmica, nos versos de Cruz e Sousa." . . . "Não tardou que das montanhas de Minas uma outra voz se ouvisse, igualmente misteriosa, usando dos mesmos processos estéticos, fillada à mesma intuição de beleza. Contudo, que diversidade perfeita! Cruz e Sousa, nascido no litoral, reagia violentamente, contra tôdas as coisas, como que ao influxo de marés bravias. Abrigado pelas montanhas centrais, o espírito de Alphonsus evoluia com serenidade buscando uma nova arte como quem espregueia o nascimento de uma estrela." . . . "Aquêlê toma de assalto a nossa admiração, qual intrépido aventureiro — perturba e fascina. Este, para ser amado, deve ser meditado, é confidente suave — dulcifica e emociona. E porque sintetizaram ambos, de modo tão diverso, dois caracteres estruturalmente brasileiros, o impulsivo e o contemplativo, são as duas figuras mais nítidas do Simbolismo brasileiro." (Henriqueta Lisboa, *in Alphonsus de Guimaraens*.)

Nascendo e vivendo em escondida região entre as montanhas de Minas, onde na era áurea se plantou uma cultura que hoje assombra o Mundo, e inspirado pelas mesmas tradições religiosas que alimentaram o barroco mineiro — a música de anônimos, que Curt Lange “descobriu” nos nossos dias, a escultura do Aleijadinho e de Arouca, a pintura de Ataíde —, Alphonsus de Guimaraens vem colocar-se, a partir dos fins do século XIX, como o Poeta da fase artística mineira do século XVIII, traduzindo a expressão poética do barroco mineiro.

“A tonalidade de seu verso é a do canto gregoriano.”, diz Martins de Oliveira em sua *História da Literatura Mineira*.

E Naief Sáfydy, analisando a “diversidade perfeita” entre os dois grandes simbolistas, conclui que “Alphonsus de Guimaraens tem sido injustamente ofuscado por Cruz e Sousa — intelectualista, ideológico, abstrato, e, por isso, universal —, apesar de seu simbolismo *sui generis*, em que há características brasileiras mais profundas de lirismo, e sua religiosidade barrôca, na atitude metafísica genérica e inconsistente, que é o *penit me* conduzindo à purificação, à hipótese. A espiritualidade de Alphonsus tende mais ao barroco que ao medievalismo, por sua visão escatológica mais próxima do Eclesiastes que do Apocalipse.” (*In notas de curso.*) (Idéia mais desenvolvida na análise do livro *Puvis*, adiante.)

Se a alguém parecer estranho o interesse de uma estudante de Jornalismo por um tema essencialmente literário, desejamos considerar a legítima posição que os estudos jornalísticos vêm assumindo: ultrapassada a fase do “fazer jornal”, desenvolvem-se em ciência da comunicação entre os homens.

Assim, os estudos superiores visam a formar, não só técnicos em meios de comunicação coletiva — imprensa e áudio-visuais —, mas conhecedores das formas de comunicação estética.

A *Primeira Fase* da obra poética de Alphonsus de Guimaraens vai de *Kiriale* até ao *Setenário das Dores de Nossa Senhora*, à qual chamamos de JUVENTUDE. É a fase da sensível influência do pensamento maniqueísta e do excessivo fervor religioso do Autor — o contraste que estabelece entre vida e morte é o mesmo que entre mau e bom, impuro e puro, pecado e santidade, amor pecaminoso e verdadeiro amor, nas mesmas proporções e na mesma perspectiva. A pureza da morte antepõe a corrupção da vida; à contemplação dá mais relevância que à ação. Mas o maniqueísmo de Alphonsus não se faz violento nem ideológico. Apenas mórbido, apenas triste. Fruto das concepções religiosas do século XIX e princípios do século XX, em que a vida espiritual se centrava no mal, no pecado, no temor, na devoção, e não no bem, na virtude, no amor, na justiça, apesar de Leão XIII. A contemplação resulta estéril, porque somente introspectiva. Realça a devoção a Maria, Mãe de Deus, não por haver feito a vontade do Pai, como Cristo quis, mas pela condição de *Virgem Santíssima*, tornando-se a imagem ideal para

a mulher amada. No mesmo sentido, funde-se a idéia de morte e núpcias, impressão talvez causada pela assunção nupcial de Maria, misturada à frustração do Poeta pela morte da noiva.

A religiosidade de Alphonsus mostra-se totalmente mariana, centralizando seu culto à virgindade, à pureza e ao sofrimento de Maria Santíssima.

"Mas", para Enrique de Resende, *in Retrato de Alphonsus de Guimaraens*, "Alphonsus foi, antes de tudo, um contraditório. Muitos dos seus atos tocaram às raias da heresia" ... "Alguns informantes, dos que mais de perto o conheceram, jamais o tiveram como católico, na rigorosa expressão do vocábulo." "Devoto de Nossa Senhora das Dores," ... "era um alto espírito religioso" ... "vivía de joelhos" ... "e de joelhos compôs, prece a prece, êsse iluminado Livro das Horas, que é o Setenário das Dores."

Talvez o encantasse, na religião, a *devoção* — aspecto sentimental da F.É. Nunca o vemos falar de um cristianismo vigoroso, de ação, mas muitas vêzes do ritualismo litúrgico e paralitúrgico.

Para Jackson de Figueiredo, convicto e praticante católico, "talvez estranho à prática da igreja, êle foi, no entanto, um dos mais elevados e meigos cantores da Virgem em nossa língua, e só poderá negar a trama católica da sua sensibilidade quem de má fé o aprecie." (Citado e transcrito por Enrique de Resende, *ibidem*.)

A influência da doutrina maniqueísta (comum aos católicos do Passado), nessa primeira fase da obra de Alphonsus, se revela, em *Kiriale*, no poema XI — "Ocaso" —, logo à 1ª estrofe, na terrível dúvida entre dois apelos opostos:

"Perdido como estou nesta grande charneca,
"Cheio de sede, cheio de fome,
"Disse-me Deus: "Sê bom!" E o Diabo diz-me: "Peca!"
"E anjos e demônios repetem o meu nome."

No poema XIV, no apêlo à morte:

"Santa Morte, afinal, cujo nome,
"Ouvido aos sons dos últimos dobres,
"Será o consôlo dos que têm fome,
"Ora pro nobis."

No Soneto I, da segunda parte do livro, na ânsia da morte e repulsa do corpo:

"Como custa a minha alma a transformar-se em astros,
"Como êste corpo custa a desfazer-se em pó!"

No Soneto IX (*Caput II*), na fuga à tentação pela prece:

"Se a tentação chegar, há de achar-me rezando
"Na êrma Tebaida do meu sonho solitário.
.....

"Se a tentação chegar, há de achar-me de joelhos,
"(Miséria humana, humanidade miseranda...)
"Maldizendo a traição dos seus lábios vermelhos."

No Soneto XII, na oposição entre o Tentador e a oração, poderosa e vitoriosa:

"Bem me valeu rezar e ser humilde e justo,
.....

"O dragão que eu temia apareceu-me,
.....

"E os sete olhos do monstro olhavam-se esperando
"Que a minha alma cedesse à torpeza sombria
"Dos pecados mortais, cada qual mais nefando.
.....

... "e o dragão que eu temia,
"fugindo, ante o sinal da cruz desfez-se em nada..."

No Poema XIII, "Ascetas, sonetos I e II, na aspiração a uma vida ascética, vencidos os conflitos da carne, e depois, como prêmio, a visão beatífica, no céu:

"Ascetas imortais da Idade Média,
.....

"Se eu pudesse viver a vossa doce vida
"No mistério final de um mosteiro de treva,
.....

"Viver longe da carne ardente, da luxúria".
"Pudesse eu, pudesse eu viver acima disto
"Em um lugar em que de ninguém fôsse visto,
.....

"E lá junto a meu Pai celeste, ouvindo a Cristo,
.....

"Viver em pleno mundo azul, longe do nível
"Comum para quem é mortal, sempre ajoelhado,
"Na santa comunhão de um amor impassível."

Relevante, nesse livro, é a posição que o Autor dá à mulher. Na tríade composta pelos sonetos III, IV e V (*Caput II*), encontraremos,

no 1º, a mulher que atrai e assombra, imagem da virtude, que conduz à perdição, anjo e demônio; no 2º, a virtude perfeita da *mulher morta*; no 3º, a condenação ao gôzo pecaminoso do amor “fora da natureza” (a *natureza* do amor é espiritual?). Essas imagens fundem-se no Soneto seguinte, “Succubus”, em que a mulher aparece como o próprio demônio. Igualmente feminina aparece-lhe a luxúria, que o atormenta, na última estrofe do Soneto I, do Poema “Ascetas”:

“Viver longe da carne ardente, da luxúria
“Que para nos tentar em cada peito eleva,
“Como frutos de luz, duas têtas de fúria!”

Imediatamente (Soneto VII — “Serpes”) o Poeta recobra a lucidez e, consciente do pecado, aguarda o perdão.

A fusão mulher-pecado aparece ainda no Poema VIII, Soneto I, em contraposição ao desejo de pureza que implica em beatitude solitária.

Mas o Poeta é jovem, e, lá atrás, no início do livro, ficou, no Poema VIII — “Presságios” — o horror à morte. Horror êsse que aparece junto à adoração da morte, no Poema XIV (*aput* II) — MORS.

No Poema “Catedral” (*Caput* IV) vemos a identificação de Alphon-sus com a personagem da lenda, a quem chama intimamente “D. Guiomar”: ambos querem viver e querem morrer.

Chegamos a *Ossa Mea* (*Caput* V): o Poeta diante da morte, ainda sob a influência de Mani.

Há o desejo e esperança da Morte como solução “santo alívio de paz, consôlo pio, / fonte clara no meio do deserto, / manto que cobre aquêles que têm frio”, do Soneto I; a aspiração de deixar a vida “sublime de inocência” por não se ter integrado no mundo, e poder realizar seu noivado.

Ainda a dualidade entre os beijos de amor e o medo da condenação (Soneto IV) e a esperança de que só o sofrimento baste nesta vida para a garantia da amizade de Deus (Soneto V). E o “Noivo da Morte”, chorando os sonhos e as ilusões perdidas (Soneto VI), sofrendo ainda a impureza da vida que se antepõe à brancura da alma (Soneto VII), recita o *Dies Irae*, a bela Seqüência da Missa dos Defuntos, com o medo da condenação eterna, pedindo e esperando o perdão para a vida.

Kiriale foi o primeiro livro de Alphonsus, cujos poemas escreveu sob o impacto recente da morte de Constança. Não é, contudo, o mais impregnado dessa dor. A obsessão da amada morta só transparece nos Poemas V e VI, da 1ª Parte. Esta observação vem corroborar a afirmação que fizemos, de que a *morte*, e não a morte *de Constança*, é o tema de Alphonsus.

—::—

DONA MISTICA

No Prólogo desse livro, define-se a posição em que se coloca o Poeta em toda a sua obra: diante da vida, é o solitário em "áureo palácio de ebúrnea torre", chorando os sonhos perdidos, zelando pelas coisas celestiais.

Maria Santíssima inspira a idealização da mulher amada. Parece-nos muito mais o livro de Nossa Senhora que o próprio *Setenário*. O título das duas primeiras partes (principais) do livro — *Pulchra ut Luna* e *Electa ut Sol* —, o Autor buscou-o em duas invocações à Virgem, escritas dos lados de sua imagem pintada no teto da Catedral da Sé, em Mariana.

I — *Pulchra ut Luna*

O Poeta canta a amada. Para exaltá-la espiritualiza-a a tal ponto que a idealiza morta.

Na solidão de seu sonho, passa a branca visão do entérro de suas ilusões, quais fantasmas de freiras e fadas num convento — mulheres ideais e irreais na pureza perfeita (Soneto I).

A amada, embora na Terra, veio do céu, e, sendo do céu, não ama (idéia física, material, do amor) — (v. 4 e 5, Soneto II); espiritual, pálida, figura de sonho, ideal, imaterial, seu nome é Celeste (Sonetos II e III); virgem, seu lugar é o céu, de onde veio (Soneto IV); é anjo, lírio, círio; pura, "é um êxtase de monja o teu delírio" (Soneto V, v. 2 a 6); pertence ao martírio e não ao prazer (Soneto V — v. 7 e 8); — é tão pura que é morta (Soneto V, estrofes finais).

O Poeta santifica-a, exalta sua palidez como se representasse sua pureza, que a redime por estar na Terra impura (Son. VI). Recordando a consciência ao despertar de um sonho, desfeita a visão, o Poeta percebe a distância que o separa dela: ele mau, ela boa. Mas ele ama nela, viva, as virtudes que a morte lhe empresta. A morte santifica a vida impura (Son. VII). Novamente o maniqueísmo de Alphonsus, que se expande mais completamente no Soneto VII. A mesma idéia se prolonga no Soneto IX: ela é "doce e imaculada ovelha" (v. 2), a humanidade "macula e engelha" (v. 4), ele se vê "um histrião de entrudo" (v. 5); ainda no Soneto X: a idéia de sua pureza aumenta porque ela morreu. Novamente o Poeta vê-se impuro diante dela, cuja castidade poderia salvá-lo (Son. XI e XII). Só quem ama e sente poderá compreender sua contemplação diante dela — o verdadeiro "olhar de amor" (Son. XIII).

A virgem pura voltou aos céus (Son. XIV) e, sentindo seu exílio (Soneto XV), ele deseja e espera a morte (Son. XVI) *para vê-la outra vez* (Son. XVII).

Na mulher que se purifica morta, que pura não pode estar no Mundo, cujos lábios são puros como o lírio (Son. V) e para quem o

beijo não se realiza (Soneto III), vê-se a influência maniqueísta do Poeta, que não sabe unir *vida* à *castidade*.

II — *Electa ut Sol*

Contém o mesmo assunto e o mesmo tema de *Pulchra ut Luna*: idealização e espiritualização da mulher, a quem a morte purifica.

O sangue do amado corrompê-la-ia (Son. I). Ele recusa aceitá-la destruída pela morte, pois morta é que verdadeira e formosa existe (Son. II). A pureza dela faz com que passe pela impura vida humana, "antes da morte, inteiramente morta" (Son. III). No verso 4, do Soneto IV, "morre no seu olhar a vida dos sentidos", antepondo-se ao olhar puro a impureza das sensações da vida. E no último verso do Soneto, numa semelhança divinizante, ela é "áurea Revelação de outra Virgem Maria".

A imaterialização da amada, indicadora de sua maior perfeição, vê-se principalmente no Soneto VIII:

"Nem luz de astro nem luz de flor sòmente: um misto
"De astro e flor. Que olhos tais e que tais lábios, certo,
"(E só por serem seus) são muito mais do que isto...
"Ela é a tulipa azul do meu sonho deserto.

"Onde existe, não sei,

.....
... "branca de luz sublime a tenho visto
.....

"Ela vem (sororal!) vibrante como um sino,
... "ouro em tudo, — na face
"De anjo morto, na voz, no olhar sobredivino.

"Nasce a manhã, a luz tem cheiro ... Ei-la que assoma
... "Tem cheiro a luz, a manhã nasce...
"Oh sonora audição colorida do aroma!"

O contraste entre a pureza dela e a impureza dele (Soneto VII) acentua-se e ele já não a alcança: ela se destina à morte (Soneto IX). Reconhecendo-a já morta (tendo-a perdido, então), (Son. X), sente a própria solidão, ser incomunicável a outros seres, invoca a Mãe das Dores que lhe mostra o caminho (Son. XI), e enfêrmo e exausto, despe as "vestes de lama" da vida, desfaz-se da "fúria sensual" e, "vestido de luz" segue para a morte, num caminho de estrêlas, para o "mundo imperial onde se ama" (Son. XII). Mas aí o maniqueísmo mórbido da religiosidade de Alphonsus esbarra com a verdade da vida dos sentidos: depois de todo esse esforço de *purificação* fora do *mundo* pecaminoso e destruidor, quando devia realizar em plenitude o amor, o Poeta chora a solidão:

"E então, ao pôr-do-sol das últimas trindades,
"Como para a batalha,
"Relembrar-me-ei que te amo, evocando saudades ..."

(Última estrofe do mesmo Soneto XII).

III — *Rimance de Dona Celeste*

A exigência de pureza e santidade na amada é tal no Poeta, que a infiel que cede a Satã, passa a pertencer-lhe e à sua assembléa de bruxos. Não há perdão para o maniqueísta. Não existe Madalena, para ele; só João, filho de Zebedeu. (A mesma idéia vamos encontrar mais tarde, em "Rimance", poema XLVII, de *As Canções, da Pastoral.*)

IV — *Noiva*

Chegamos ao último poema. A epígrafe é de Balzac: "n'as tu pas senti le goût des éternelles amours?"

A amada volta depois de morta, com os reflexos do céu, senhora das estrélas, noiva para os esponsais. É a figura de Maria assumta aos céus, da Sagrada Escritura: "a espôsa adornada para as núpcias".

Mas a noiva vem ressurgida, da morte para o amor: "Vens de grinalda branca, a voar ... Ah! bem me lembro: / A veste com que fôste é a mesma que hoje arrastas. / Fôste de branco e vens de branco ainda trajada." (A veste do amor é a mesma da morte.) Mas eis o grande empecilho à concretização do reencontro tão arduamente esperado: ele *permanecera vivo!*

"Quero abraçar-te e nada abraço ... O que me assombra
"É que te vejo e não te encontro com os meus braços.
"Morta, beijei-te um dia: hoje tu és uma sombra
"Exilada do céu para seguir-me os passos."

V — *Arias e Canções*

A influência da doutrina de Mani sôbre o espírito místico de Alphonsus, nessa fase de sua obra, ainda se revela: no Poema I — "Canção de Núpcias" — à idéia de esponsais se mistura a de morte. Amar é o mesmo que morrer, e as côres da alegria de uma festa de bôdas se transformam nas das tristezas do luto. Casar é o mesmo que enviivar; enviivar é o mesmo que casar.

O desencontro entre os dois se revela no Poema IV: amava-a como homem, o que atribui às artes do demônio. O amor legítimo não atormenta, supera-se para exaltar a amada: "Tão tentadora estava que um diabo coxo / fêz rugir a carne no meu esqueleto. / ... / Todos os sonhos do meu amor por ela / Vieram atormentar-me sem dô. / ... / Para divinizá-la era bastante eu só."

A distância entre os dois se acentua no Poema X: êle se torna indigno e pequeno para exaltá-la: "Ês como a luz da primavera" ... "Ês como o luar de neve e lírio" ... "Ês um altar"; "Eu sou uma vela ... da quaresma" ... "Eu sou a essa das esperanças" ... "Tu és o círio, / Eu sou o morto". (Ela, morta, vive a verdadeira vida: o morto é êle, que continua vivo.)

A impossibilidade de unir-se à amada, explode no "Epílogo": o desejo ardente da morte e o repúdio a essa vida de "morto e *bem morto*".

CÂMARA ARDENTE

Neste livro aparece de perto o fato real da morte de Constança: acompanhando os últimos instantes da noiva neste mundo, o Poeta sonha a realização das núpcias desejadas, que a morte frustrou. A noiva não é aquela mulher idealizada, genérica, purificada e adornada pelas virtudes do céu: é a noiva real que perdera na adolescência. Ao velório natural funde-se o velório supra-real da abstração poética de Alphonsus.

"Neste poema de Amor, amplo e celeste,
"Eu canto o extremo Epitalâmio augusto
"A sombra funerária de um cipreste..."

(Perstylum)

"Ei-la afinal exposta à bênção dos Altares,
"E a morte que a matou é a mesma de que morro..."

.....
"Ei-la afinal exposta à bênção de Onde veio.
"Sinto o silêncio das ermidas e dos ermos,
"Uma saudosa paz de esperança e de anseio..."

(Sonêto I.)

No Sonêto II chama "nupcial" a alma da morta.

Depois relembra tudo o que nela prefigurou a morte: "Era uma paz de cemitérios e de ermidas / O silêncio dos teus grandes olhos incertos" (Sonêto IV). "Eras, entre as mulheres, / Dessas que a gente diz que não de morrer depressa." (Sonêto VI.)

As núpcias celestiais novamente aparecem, como consequência da pureza, efeito ainda da devoção a Maria Santíssima: "(Ter a Alma em castidade, o corpo em abstinência, / Para a branca assunção dos místicos noivados!)" (Son. VII.)

No Sonêto IX, misturam-se a dor e a conformação com a perda da amada, cujos sentidos, antes mesmo da última unção, a destinavam à eternidade, "fatigados do mundo impuro".

Tudo na natureza continuará o ciclo da vida (Son. XII), só éle "na ignóbil terra infiel onde tudo se esquece" rezará por sua alma ("Responsorium").

Onze anos depois que Constança morreu, Alphonsus mostra ao Mundo o pranto que derramou por ela: *Câmara Ardente*.

SETENARIO DAS DORES DE NOSSA SENHORA

Baseia-se o poema em ritual católico tradicional, paralitúrgico. Nos fins da Quaresma, próxima a Paixão de Cristo, a Igreja celebra o sofrimento de Sua Mãe.

O *Poeta da Morte* aí se inspira. Canta Alphonsus as dores de Maria, e não suas alegrias. Explica, com humildade: "Eu sei cantar o sofrimento: basta, / Para cantá-lo bem, já ter sofrido..." ("Sexta Dor, soneto VIII, v. 1 e 2).

A dor os identifica e os aproxima: o Poeta e a Senhora sua protetora:

"Volvo o rosto para o teu afago,
"Vendo o consólo dos teus olhares...
"Sê propícia para mim que trago
"Os olhos mortos de chorar pesares."

("Antífona".)

Diz Enrique de Resende, in *Retrato de Alphonsus de Guimaraens*: "Devoto de Nossa Senhora das Dores, trazia pregada ao bôlso interior do casaco a imagem da Santa, sem que dela jamais se apartasse".

Alphonsus extravasa seu sentimentalismo religioso, de devoção alienada do drama humano no Mundo. Não vê o homem à imagem e semelhança de Deus Uno e Trino, capaz de criar e pensar a própria realidade, mas sujeito às fôrças do mal, sob o Príncipe do Mundo:

"Mas eu, a poeira que o vento espalha,
"O homem da carne vil, cheio de assombros,
"O esqueleto que busca uma mortalha,
"Pedir o manto que te envolve os ombros!"

"Adorar-te, Senhora, se eu pudesse
"Subir tão alto"...

("Antífona".)

A devoção de Alphonsus às Dores de Maria se esclarece também no desejo de alcançar a purificação dos seus pecados: "Mãos ungidadas no sangue da Coroa, / Deixai tombar sôbre a minha Alma em prece / A bênção que redime e que perdoa!" E adiante: "Doce consolação dos

infelizes, / Primeiro e último amparo de quem chora, / Oh! dá-me alívio, dá-me cicatriz / Para estas chagas que te mostro agora." (*Segunda Dor*, Poemas VI e VII.)

A visão maniqueísta de Alphonsus, de que Deus só pode amar os puros, manifesta-se num aspecto curioso no Poema V, da *Quinta Dor*: o perdão a Dimas, *ladão*, explicar-se-ia pela predestinação o que o invalida. Esse poema se reúne a "Rimance de Dona Celeste" (*Dona Mística*) e a "Rimance" (*Canções, Pastoral*), (conf. comentário anterior), e se completa no poema seguinte (VI), em que o Poeta louva a pureza de São João, causa da conquista do amor de Cristo.

Das palavras de Deus na Cruz, Alphonsus recolheu a que foi dita a João. Interessante se torna estabelecer confronto entre este e outro Poeta, Claudel. Na sua bela *Via-Sacra*, a palavra que lhe chama a atenção na hora da morte de Cristo é "Tenho sede". Sede dos homens, "antes que tudo seja consumado". Diz ainda Claudel: "Por três horas está só, e saboreia o Vinho, / A ignorância invencível do homem, e aquêle amor de louco..." Duas concepções, duas "épocas" religiosas no Catolicismo.

O paralelismo entre o seu e o sofrimento de Maria, Alphonsus o revela na "Sétima Dor": nos Poemas I, II e III, a solidão dela pela morte do Amado; no Poema V, a esperança do reencontro.

—:—

Subitamente, depois do tédio, da melancolia, da dor e do pranto, e da obsessão da morte, irrompe o canto de alegria do Poeta.

Chegamos à *Segunda Fase*, a da MOCIDADE DO POETA, quando as forças vitais se fazem sentir sobre ele: dá-se o encontro da Vida, que o chama ao Amor. É NOVA PRIMAVERA o belo hiato de Alphonsus, fase de transição entre a JUVENTUDE e a MATURIDADE, entre duas concepções diferentes de *vida* e de *morte*.

Trata-se de uma tradução. Mas traduzir torna alguém co-autor da obra, porque a *interpreta* (e pela primeira vez, em uma língua). E, nessa condição, *recria* a obra, como outro artista, e, no caso, o artista já era *Poeta*.

Alphonsus traduziu Heine por gosto, por escolha pessoal (não consta que o tenha feito por necessidade financeira nem por encomenda). Porque aquêles versos falaram-lhe à alma, sensibilidade, em determinado estágio de vida. Encontrou perfeita identificação entre o que sentia e outro escrevera.

Sendo, como pretendemos verificar, seu "tema único" a morte, ter-lhe-ia sido impossível poemizar aquêle influxo de vida que o assaltava. Tornou-se co-autor. Tornou-se outro criador.

Transformou-se no "paladino" que mal se defende de "gentis amores" que o prendem em "laçadas de flôres", fora dos grandes combates da

vida ("Prólogo"). Reabrirá-se o seu coração terno, sob a influência da estação (Poema I): nova primavera na vida do Poeta. Aí éle canta alegre a "voz do Amor" (Poema II), que *hoje* exalta sua alma (Poema III). Anseia por uma amada (P. IV) para quem pede à primavera, um cumprimento (P. VI). Já não ama uma pálida morta em seu esquite: "que pode matar a flor, fixa entre a rama?" O amor precisa de comunicação, de vida, de movimento, dos sentidos: "Eu ... eu amo a vós, / Ó raio de luz, loura / Abelha, pássaro, voz, / Estrêla veladora."

Sente a beleza das "orquestras florestais" e das vozes das aves e descobre que seu regente é o "Amor — deus dos deuses" (P. VIII). Vê as flôres — agora coloridas, vibrantes — a rosa rubra, nascida do sangue do coração de um pássaro (símbolo do amor-paixão), (P. IX), e as "vermelhas flôres" que a noite desabrocha e põem em risco o coração (P. X). Sente, em si, o influxo da Natureza, sabe que o levará ao Amor e deseja render-se (P. XI e XII):

"Tudo me inquieta: sons nos ouvidos, rumores,
"Sinto: perco-me numa ansiedade sem fim...
"A primavera e os teus olhos iguais às flôres,
"Ei-los de nôvo conjurados contra mim!

"Com o seu triunfal encanto inundaram-me agora
"A primavera, amor, e o teu celeste olhar
"e sonho: e a seiva, e a flor, e o pássaro que chora
"São a alma do conluio em que vou soçobrar!"

"Ah! se eu pudesse chorar o pranto
"De amor, lágrimas tristes que são de ouro...
"Como temo o rebelde chôro.
"Que chamo e creio desejar tanto!

"Júbilo amargo, miséria calma,
"Sofrimento que já me encheu de dores,
"De nôvo acharam os amores
"A antiga estrada para a minha alma."

Identifica-se como a Natureza ("floresta viridente"), que conhece seu segrêdo (P. XIII). E no Poema XIV, pela primeira vez, surge a amada "materializada". Renova-se o Poeta: "Minha alma o epitalâmio recomeça: / Os pensamentos cheios de negrume / São mortos" (v. 1, 2 e 3 do Poema XIX).

Diz-se "louco enamorado", sabe-se alvo de zombaria, mas que importa? — cede às forças naturais e abençoa os enganos da ventura (P. XIX e XX). Que diferença em Alphonsus!

O amor não correspondido confessa e aceita, afastando-se da amada (XXI). Canta a pureza do primeiro beijo (P. XXV) e sua amada (viva, real, encarnada), tôda a natureza exalta (p. XXVI).

Nesta doce ventura renascem velhos sonhos esquecidos", "Da janela beijos caídos", "Nós, cujo abraço durou tanto" (Poema XXVII): estão aí versos em que o Poeta aceita as naturais manifestações materiais do amor. E ainda: "Oh, na sombra beijos roubados, Nela também restituídos, / Encantais, beijos não contados, / Os corações perdidos! / Sonhando com as carícias idas, venturas que renascêrão" ... "Para que muito pensar? Antes / se embalem com as nossas ternuras / nossas almas amantes." (Poema XXVIII).

Enternece-se com um amor adúltero (P. XXIX), deseja viver o Amor com intensidade, percebendo-o fugaz como a Primavera (P. XXX), e sonha prolongá-lo pelo inverno (P. XXXI).

E, só então, a idéia da morte se confunde com a do amor (P. XXXII) ...

Chega o fim do Amor e da Primavera: as flôres do amor têm vida breve — e já desabrocharam ... E o Poeta confessa, pesaroso: "Não pode o doce amor dentro em mim florescer: / No triste peito sinto, exâmine, a sangrar, / O coração tão prático a sofrer." (P. XL.) Acabaram-se os beijos (P. XLI) e "Dos campos através eu parto solitário, / e oculto o meu pesar sob um calmo semblante" (P. XLII).

Acabara-se, natural e melancôlicamente, a primavera do Poeta.

Vem o outono, ventos ásperos sopram, dispersando fôlhas. "O bosque chora", o nevoeiro cobre os campos. Chegam as chuvas e o inverno, com que se identifica o Poeta, sem amor (P. XLII e XLIII). Referindo-se prosaicamente a narizes roxos de frio, o Poeta chora o fim de sua primavera (P. XLIV), tentando ironizar a dor da alma, e retoma o quotidiano sem brilho.

Nota-se a mudança de linguagem e de motivos poéticos de Alphon-sus. Conhece outros pássaros, outras flôres, os astros, a alegria. Não se vê a influência de Mani e nenhuma referência a crenças religiosas. Seria a religião para o Poeta, apenas consôlo na dor? Ou o pesado ritualismo lhe sugeria a tristeza, o sofrimento, o luto? — Apesar de tôdas as verificações a respeito da religiosidade de Alphon-sus, ela se apresenta, ainda contraditória.

—:—

Da PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE a ESCADA DE JACÓ é a *Terceira Fase*. MATURIDADE.

A solidão amplia-se em desilusão. A certeza da morte dá ao Poeta a medida da pequenez das coisas, que se muda em insignificância e depois em nada. A morte se apresenta de outro ângulo: a aceitação de um fim. Não há mais o desejo de morrer para realizar o Amor.

(Apesar de alguns poemas sôbre a amada morta, característicos da Primeira Fase. Talvez escritos anteriormente. A *Pastoral* é póstuma, organizada por outrem.)

O amor já é igual à vida. Alcança o Poeta um equilíbrio entre vida e morte, exalta a mulher liricamente mas sem a imaterialidade mórbida dos primeiros versos. Encontra o tédio, a saudade, e a solidão aumenta. O maniqueísmo de Alphonsus se esvaiu; desapareceu, também, o fervor religioso de outrora. E o Poeta abre um parêntese para louvar as grandes amorosas: torna-se Alphonsus um "Crente do Amor".

Assim, se na *Pastoral* o desejo da morte (como fim) aparece nas *Estâncias*, Poemas V, X, XI, XV, XVI, XXII e XXV, e nas *Canções*, Poemas, V, VII, X, XVIII, XXXIV e XXXV, o desejo de outra vida (renascimento, eternidade) se revela nas *Canções*, apenas nos Poemas XXII e XXXVI.

A solidão, reconhecida e aceita, encontra-se logo na abertura da *Pastoral* — "Brasão" —, continuando nas *Estâncias*, P. IV, XL, XII, XIII e XXV, e nas *Canções*, P. I, II, V, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIV, XV, XVI, XVIII, XIX, XX, XXI, XXX, XXXI, XXXII, XXXIII, XXXIV, XXXV, XXXVII e XLV.

Impossível transcrever tudo: a riqueza da criação poética de cada um exige a leitura completa de todos. A *Pastoral* parece-nos a plenitude da obra de Alphonsus: a solidão que a maturidade lhe trouxe e o desprendimento da vida e das coisas abriram-lhe novos horizontes: novas perspectivas para o Amor e para a Morte. As peças encontram seus lugares no jôgo: amor é amor, morte é morte.

"Ando colhendo flôres tristes:
"Um goivo aqui, outro acolá ...
.....
"Eu colho flôres para os noivos
"Que já não querem sonhar mais.
.....
"Ando colhendo roxas flôres:
"Quantas saudades não colhi!
"Eu já não tenho mais amôres,
"Pois vossos beijos, roxas flôres,
"Não mais florescem por aqui"

(*Canções*, P. I.)

O Poema V, das *Canções*, citado, demonstra tôda a nova perspectiva do Poeta:

"Ô cisnes brancos, dolorida
"Minh'alma sente dores novas,
"Cheguei à terra prometida:
"É um deserto cheio de covas."

Dêsse ponto de chegada em sua contínua ascensão, Alphonsus contempla as coisas em suas devidas posições.

"Minh'alma é a tórre de uma igreja
"Que tem um sino sempre a dobrar ..."

(P. VII, *Canções.*)

MAS:

"Pudesse eu ver-te nua ...
"Que santa palidez!
"Branca da côr da Lua,
"Que tez é igual à tua
"A tua suave tez?
"Se à tua porta eu fôr,
"Fala-me só de amor."

P. XLI, *Canções.*)

Ainda é o amante que chora eternamente a vida breve da amada ("O Lírio e a Estréla" — P. XXXVII, *Canções*) e que pensa na morte como realização do amor ("Cármem Japonês"), mas não revela mais aquela obsessão de querer a purificação da morte e repudiar a impureza da vida.

O desejo de viver, do Poema XII — *Estâncias* —, desaparece ante a consciência de que tudo caminha para a morte, nos Poemas III, V, X, XI, XIV, XV, XVI, XVII e XX, ainda de *Estâncias*.

Mas o desejo de uma vida nova, de "Cármem Coreano", a plena juventude, desaparece em seguida, no Poema XXIII — *Canções* — num lamento dolorido de não poder, como o sol poente, morrer de vez.

E se "Ismália" realizou seus ideais na morte (P. XXXIII), éle "quisera ser apenas a própria sombra" (P. XXXVI), e goza a desambição e a tranqüilidade:

"É o sossêgo final da velhice, tão meiga!
"A neve cai, enchendo os ares de sudários ...
"Não mais astros no céu! Não mais flôres na veiga!
"A cruz chegou ao cimo eterno dos calvários."

Definindo também a posição do Poeta nessa fase estão os Poemas V, VII, XVII e XL — *Sonetos* —, em que exalta as grandes amorosas da História. Alphonsus reconhece a importância do amor na vida: acabara-se a influência de Mani.

—::—

ESCADA DE JACÓ

"No castelo roqueiro onde vivo encerrado
"Cheio de audácia como um barão de Castela,
"Divago."

(Poema VI.)

A divagação de Alphonsus: sonha, deseja lutar, viver e, vencida a batalha, encontra o Nada. Tema que se encontra em todos os poemas do livro, em que o Poeta, mais perto da morte, vê a pequenez da vida. Está só e sofre. Nada mais busca. Lamenta. "Pois estou condenado a sofrer os Martírios ... / Houve no mundo alguém mais infeliz do que eu?"

Mas não se deixa morrer:

"Hão de achar-me de pé, a alma expandida nos ares
"Numa cintilação de místicos altares,
"Mais desolada e entristecida que um jardim!"

(Poema XIII.)

Em "Sonêto de um Precito" (P. XVI) aceita a própria condenação. Em vários poemas aparece a referência à própria "velhice" — estado d'alma. Em "Finis" confessa o próprio desespero — que ainda não havia manifestado:

"Bem-fadado no mundo é quem não desespera!
.....
"Maldito como um bruxo, odiado como um mago,
"Ah! deixai-me acabar, já que Jesus me esquece,
"Como um cisne que morre entre as águas de um lago!"

E em MORS — sonêto final da primeira parte, transmuda os sonhos de amor no sono da morte.

—::—

II — Caminho do Céu

"Triste sonho de quem vive a sonhar na vida
"Com a eterna e doce paz de uma cova esquecida,
"E traz no peito morto uma alma quase morta ..."

Poema II — "Sun Down")

(O próprio Poeta, em toda essa fase, faz referência a seu ocaso. Compara-se ao sol que se põe, finda sua trajetória de luz. Não percebe,

entretanto, que, como o sol, finda para o mundo, carregando consigo a luz, sempre intensa. Seu tom lamentoso é sua chama, seu fogo, em que a matéria se consome.)

Nesse período de sua fase "madura", encontra o amor — amplo, universal, espiritual. O que para ele tinha sido pecado, na JUVENTUDE, gôzo, na MOCIDADE, equilíbrio no primeiro período da MATURIDADE, expande-se agora na caridade:

"É necessário amar . . . Quem não ama na vida?

"Amar o sol e a lua errante! amar estrêlas".

E os astros, as flôres, os poentes de ouro, o luar que morre breve, o som, o aroma, e tudo quanto é belo, e, sobretudo, as crianças e as mulheres (Poema IV).

Em "Aspirações Supremas" faz uma síntese de tôdas as suas emoções: beijar a mulher amada, "vê-la como se vê numa haste o lírio morto!", ser Cruzado, desiludido, dolorido, devoto de Maria e cristão, perdoado por Jesus: eis seus ideais.

É então que canta a uma menina (P. VII), a uma freira (P. IX): Alphonsus descobre o *Outro*.

Volta-se mais que nunca para a morte:

"Acostumei de há muito os meus olhos, coitados,

"A olharem para além desta vida terrena . . .

.....

.... "Contemplo ermidas no infinito,

"Pois que na terra vil já não há mais altares . . ."

(P. XIII.)

Símbolo do seu amor — "eterno como a morte" (*Sonêto* LXIII — da *Pastoral*), faz da estrêla Sirius (Poema XV), num desejo de permanência através dos séculos.

Na "atroz desolação do tédio e da amargura" que lhe vela o sono (*Sonêto* XVIII) confessa: "vivo e quero morrer" (P. XX — *Sonetos*).

No Poema XXXIV — "Deus" — surge a esperança de que a Fé não lhe tenha mentido e voe ao encontro de Deus. No último poema — "Escada de Jacó" — suplica a Deus a Fé para seus últimos dias.

— :: —

A *Quarta Fase* é *PULVIS*. O Fim. O Pó. O Nada.

O nihilismo do Poeta, que já vinha despontando na fase anterior, encontra o apogeu. É a desventura, a descrença. E como um último estrelecimento de vida, uma pequena pausa romântica de louvor aos grandes amantes de Shakespeare — que morreram de amor.

PULVIS é a “visão escatológica próxima do *Eclesiastes*”, no dizer de Naief Sáfady.

“Hoje que para mim tudo, tudo é acabado,
“Que não amo a ninguém, que de ninguém espero
“Amor, não mais eu temo o espectro alucinado
“Que me surgia, a voz troadora, o olhar severo.

“Sempre, como se o chão se abrisse de repente,
“A visão vai-se erguendo infernal e sombria,
“E como quem entoia um salmo eternamente,
“Entre nuvens de pó apodrecendo o ambiente,
“Diz: “*Memento, homo, quia ...*”

(Poema IV — 1ª estrofe — *Memento, homo, quia ...*)

Desaparece o temor na certeza da morte. Homens e brutos, “todos vão parar a um mesmo lugar. De terra foram feitos, e à terra voltam.” (*Eclesiastes*, 3 — 19 e 20.)

Na estrofe final do Poema III, de “*Memento*”, diz Alphonsus:

“E como nunca mais pensei no humano orgulho
“E na humana vaidade,
“Nunca mais me assustou o medonho barulho
“Que fazia a visão negra da Eternidade.”

“Vaidade de vaidades, tudo é vaidade. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol? Uma geração lhe sucede; mas a terra permanece sempre estável. Não há nada de novo debaixo do sol.” (*Eclesiastes*, 1 — 2 a 4 e 10.)

Em Alphonsus ecoa a voz do *Eclesiastes*. “Não tenho sonhos e nem pesadelos: / As ondas não vão ter ao lado morto.” (P. V — *Sonetos*). “Sei que aos poucos me morro em calmaria, / Pois não há ondas mais neste Mar-Morto ...” (P. VI *Sonetos*.) “Tudo vem, tudo vai, do mundo é a sorte ... / Só a vida, que se esvai, não mais nos vem. / Mas aí da vida se não fôra a morte!” (*Soneto VIII*.) “As ilusões do mundo são fictícias” (*Soneto IX*), e porque “Só os astros brilham, como ideais delícias, / Eternamente, em perenais engastes”, confiara, na fase anterior, seu amor a *Sírius*: só o amor não pode desaparecer.

Conforma-se o Poeta, na certeza da morte, que tudo destrói: “O deserto não responde.” “Aos poucos me desfaço em poeira e nada.” (*Soneto XII*).

Mas na certeza do Nada, abrem-se os seus olhos para tudo — estranha contradição: “A agonia em tôda a parte é a mesma. / Olho com o mesmo afago o sol, o abôrto, / O inseto, a flor, a lua, a larva, à lesma ...” (*Soneto XIII*).

Mais próxima está a morte: “Desperto enfim: uma esperança nova / Ante os meus olhos hibernais fulgura, / E entre as cinzas da tarde vejo a cova ...” (Soneto XV). Mas vem a saudade: “Viver com os olhos fitos no passado / Tem sido para mim a vida agora. / Quem saudades não tem da luz da aurora, / Quando agoniza o ocaso purpureado?” (Soneto XXII).

Todo aquele desejo de reencontro com a amada na eternidade, que acalentou seus mórbidos sonhos de jovem, desaparece também. A morte é o fim: “Antes eu nunca a visse” “Não sofreria a dor a que resisto: / A saudade sem fim de tê-la visto, / Sem esperança de tornar a vê-la.” (Soneto XXVII).

Ao próprio Alphonsus deixemos as confissões finais, que validam este estudo, cujas dimensões não dão para conhecer toda a grandeza do Poeta, a quem Henriqueta Lisboa chamou “Fidalgo em destêrro” pela “estirpe régia” de sua sensibilidade.

“Sempre vivi com a morte dentro da alma.”,
e sobreviveu aos “visionários da esperança” (Soneto XXX).

“O céu é sempre o mesmo: as nossas almas / E que se mudam, contemplando-o.” (Soneto XL.)

E, finalmente:

“Cantem outros a clara côr virente
“Do bosque em flor e a luz do dia eterno ...
“Envoltos nos clarões fulvos do oriente,
“Cantem a primavera: eu canto o inverno.

“Para muitos o imoto céu clemente
“É um manto de carinho suave e terno:
“Cantam a vida, e nenhum deles sente
“Que decantando vai o próprio inferno.

“Cantam esta mansão, onde entre prantos
“Cada um espera o sepulcral punhado
“De úmido pó que há de abafar-lhe os cantos ...

“Cada um de nós é a bússola sem norte.
“Sempre o presente pior do que o passado.
“Cantem outros a vida: eu canto a morte ...”

(Poema XLI — *Sonetos.*)

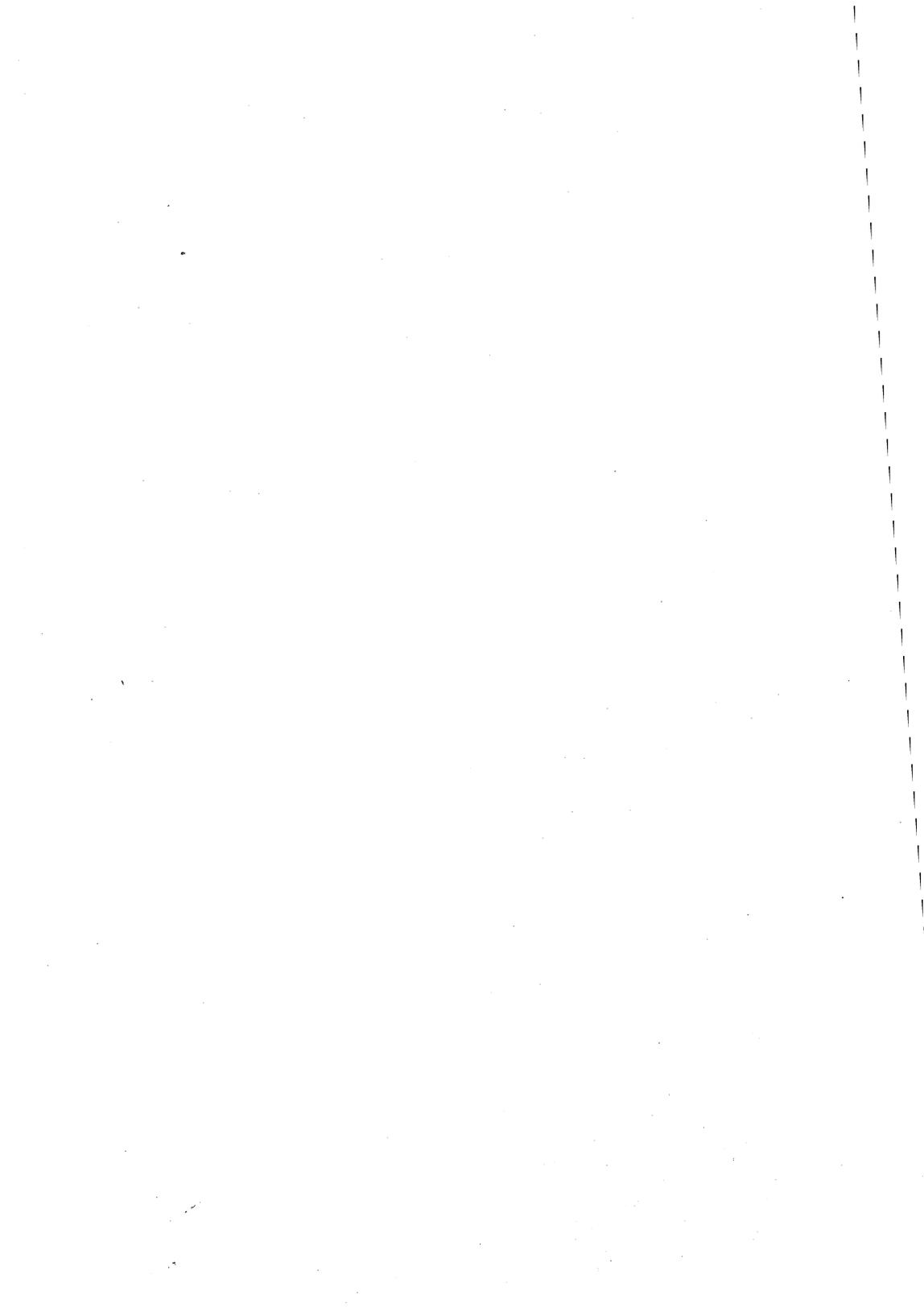
Dêle, ele mesmo disse tudo:

“Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”

BIBLIOGRAFIA

- GUIMARAENS, Alphonsus de — *POESIAS* — Edição da Organização Simões, Rio — 2 volumes — 1955.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos — *PASSEIO NA ILHA* — Obra Completa — 1 volume — Companhia Aguilar Editôra — 1964.
- LISBOA, Henriqueta — *ALPHONSUS DE GUIMARAENS* — Livraria Agir Editôra, Rio — *Coleção Nossos Grandes Mortos* — 1945.
- RESENDE, Henrique de — *RETRATO DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS* — Livraria José Olympio Editôra, Rio — 1938.
- CLAUDEL, Paul — *L'ANNONCE FAITE A MARIE* — Tradução de Dom Marcos Barbosa, O. S. B. — Livraria Agir Editôra, Rio — 1954.
A VIA-SACRA — Tradução de Dom Marcos Barbosa — Livraria Agir Editôra, Rio — 1953.
- OLIVEIRA, Cândido Martins de — *HISTÓRIA DA LITERATURA MINEIRA* — Imprensa Oficial, Belo Horizonte — 1963.
- LIVRO DO ECLESIASTES* — *BÍBLIA SAGRADA* — Traduzida da Vulgata pelo Pe. Matos Soares — Edições Paulinas — 6ª Edição — São Paulo — (1954).

RELAÇÃO
DOS
TRABALHOS
RECEBIDOS



POESIAS

TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1 — Para Qué?	Zé Noctâmbulo
2 — Paisagem Nordestina	Zé Noctâmbulo
3 — Revolta Cabocla	Zé Noctâmbulo
4 — Meu Judas	Zé Noctâmbulo
5 — Caatinga	Zé Noctâmbulo
6 — Desilusão	Tetraedro
7 — Fólhas Mortas	Tetraedro
8 — O Amor	Tetraedro
9 — Falsos Amigos	Tetraedro
10 — As marteladas	Tetraedro
11 — O Ode Onda	M. Médico
12 — Rotina	M. Médico
13 — A Vida	Dantesino Rosalvo
14 — Gênese	Nobélio
15 — O Último Adeus	Nobélio
16 — Vida Vã	Vinicius Mascarenhas
17 — Profissão de Fé: Poeta e Poema	Eurico Baldoni (classificado)
18 — Poema das Mãos Sem Dedos	Guimarães Fernandes
19 — Se Se Pudesse	Torresmo
20 — Anjo e Palhaço	Torresmo
21 — Alma de Boêmio	Torresmo
22 — A Lavadeira	Torresmo
23 — Tormenta	Torresmo
24 — Dia e Noite	Torresmo
25 — Mariana	Bel Air
26 — O Casamento	Joseph «K»
27 — Poema	Joseph «K»
28 — Amor	Op-Oeta

29 — Resposta a Uma Canção de Ninar	Del Duque
30 — Tox do Poeta	Del Duque
31 — Verso-Saudade	Del Duque
32 — Sêca	Del Duque
33 — Liberdade	Del Duque
34 — Tédio	Del Duque
35 — Polichinelo	Del Duque
36 — Confissões de Um Maníaco	Del Duque
37 — A Noite do Boêmio	Del Duque
38 — Musa, Canto, Eco	Del Duque
39 — A Minha Menina...	Menestrel do Amor
40 — Poema	Alfredo de Souza
41 — Refúgio	Pompéu
42 — Faço Poesia	Ariednab
43 — Bom Dia, Maria	Modêlo 8
44 — Devaneio	Paviot
45 — Eu	Paviot
46 — Flor	Paviot
47 — Manu	Paviot
48 — Declamor	Paviot
49 — Elevador	Paviot
50 — Raiz	Ignácio Dias
51 — Iluminação	Ignácio Dias
52 — A Súbita Visão	Ignácio Dias
53 — Presença	Ignácio Dias
54 — Da Carne	Ignácio Dias
55 — Meditação sobre o Morto	Ignácio Dias (1º Lugar)
56 — Sôpro	Ignácio Dias
57 — Praça	Ignácio Dias
58 — Trajetória	Ignácio Dias
59 — Revelação	Ignácio Dias
60 — Jamais	Carmouguima
61 — «Status Quo»	Carmouguima
62 — Acróstico	Carmouguima
63 — A Seguirei Sempre	Carmouguima
64 — Abstrato	Carmouguima
65 — Meu Sonho	Carmouguima
66 — Um Presente no Dia dos Namorados	Carmouguima
67 — Soneto	Carmouguima
68 — Soneto I	Carmouguima

69 — Revolta	Carmouguima
70 — O Chorar da Chuva	Carmouguima
71 — Última Ilusão	Carmouguima
72 — Resto de Ilusão	Carmouguima
73 — Dor Oculta	Carmouguima
74 — Se	Carmouguima
75 — Se Eu Pudesse	Carmouguima
76 — Embalde	Carmouguima
77 — Nos Teus Quinze Anos	Carmouguima
78 — Teus Olhos	Carmouguima
79 — Lembranças que Fogem	Carmouguima
80 — Soneto II	Carmouguima
81 — Prece	Carmouguima
82 — Egoísmo de Amor	Carmouguima
83 — Inevitável	Carmouguima
84 — Um Dia Para Chorar	Carmouguima
85 — Sôpro de Deus	D'Oliveira
86 — Sou?	D'Oliveira
87 — Ciranda	Joana D'Arc
88 — Boi-Totem do Nordeste	Christina de Palmares
89 — Palavras	Polucho
90 — Jesus Erótico	Polucho
91 — Vórtice das Coisas	Polucho
92 — 1º Acontecimento	Polucho
93 — Revelação	Franli
94 — Voltaste	Franli
95 — Na Janela	Franli
96 — Velhice	Franli
97 — Festa de Luz	Franli
98 — Será Isto Poesia	Franli
99 — A Ameba — Vida e Glória	Agacê
100 — Aos que Passam	Agacê
101 — Vivências	Lais
102 — Reminiscências	Lais
103 — Tristeza	Ton Jaune
104 — Beija Flor	Ton Jaune
105 — Encontro	Elisabeth
106 — Velhos	Argone
107 — Mulher	Orfeu
108 — E Ninguém Disse Nada	Musa
109 — As Amantes da Meia Noite	Ébano

110 — Velas Pandas aos Ventos	Sempreviva do Norte
111 — O Menino Que Não Quiz Crescer	Teco
112 — Eu Sou um Enigma	Zé
113 — Eu	Zé
114 — Império das Longas Meditações	Zé
115 — Os Caminhos da Consciência	Zé
116 — Perder-me	Zé
117 — Quando a Angústia Gritar em Mim	Rah
118 — Desespéro	Rah
119 — O Tempo e o Abismo	Rah
120 — Apêlo	Rah
121 — Desejo	Rah
122 — Eu Morrerei	Rah
123 — Saga dos Mil Mortos	Aventureiro
124 — Ontem	Aventureiro
125 — Na Rota das Cavernas	Aventureiro
126 — Os Homens Errantes	Aventureiro
127 — Os Sinos dos Mortos	Aventureiro
128 — Poema	Profeta
129 — A Geração Perdida	Profeta
130 — Auto Retrato	Profeta
131 — Elegia Pelo Homem Atual	Profeta
132 — Rostos de Pedra	Profeta
133 — Vem, Minha Filha	Cristine
134 — Onipresença da Bomba	Hiroshi
135 — Manuel e Joaquim	Wadico
136 — As Palavras	Wadico
137 — Meu Elefante	Wadico
138 — Desejo Intransitivo	Wadico
139 — O Espelho	Wadico
140 — Chôro Anônimo	Wadico
141 — Ôvo de Cristal	Wadico
142 — Dá Licença	Wadico
143 — Branco	Wadico
144 — Retôrno Impossível	Wadico
145 — Despaixão	Wadico
146 — Fim de Poema	Wadico

CONTOS

TÍTULO	PSEUDÔNIMO
1 — O Vazio	Lotus II
2 — Drama Condensado da Tristeza	Vinicius Mascarenhas
3 — A Sabatina	Torresmo
4 — Didática	Martin (classificado)
5 — A Bomba	Escriturário 007
6 — O Aquário	R
7 — Saudade	Êsa
8 — Diário de Um Dia ou Outros	Loli
9 — Dona Eulália da Salvação Eterna	Manoelita
10 — A Menina do Consultório	Friser-Fraser
11 — Confissões de Arnaldo	Tanny (1º lugar)
12 — Massa do Sétimo Dia	Pepê
13 — Por Favor, Levem-me	Zumbi (classificado)
14 — Um Anúncio	Raul Viana
15 — 1963 — 23 de Abril	Pam
16 — Uma Certa Casa	Amadeu Celestino
17 — Primavera, Verão, Outono, Inverno	Menino
18 — Como Virei Escritor...	Regra Três

*Esta revista foi composta e impressa nas oficinas
gráficas da Imprensa da Universidade Federal
de Minas Gerais, na Cidade Universitária, Belo
Horizonte, Brasil, em dezembro de 1966
39º ano da fundação da U.F.M.G.*